

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RENATA BEATRIZ SANTANA DE ALBUQUERQUE

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA:
UMA ANÁLISE DAS DIVERGENTES NARRATIVAS
NO PRIMEIRO ANO DO CONFLITO**

RECIFE

2024

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

RENATA BEATRIZ SANTANA DE ALBUQUERQUE

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA:
UMA ANÁLISE DAS DIVERGENTES NARRATIVAS
NO PRIMEIRO ANO DO CONFLITO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob a orientação da Prof^a. Ma. Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado

RECIFE

2024

Catálogo na fonte
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

A345g Albuquerque, Renata Beatriz Santana de.
Guerra Russo-Ucraniana: uma análise das divergentes narrativas
no primeiro ano do conflito / Renata Beatriz Santana de Albuquerque.
– Recife, 2024.
60 f. .: il. color

Orientador: Prof.^a Ma. Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2024.
Inclui bibliografia.

1. Guerra Russo-Ucraniana. 2. Discurso. 3. Vladimir Putin. 4.
Volodymyr Zelensky. I. Dourado, Maria Eduarda Buonafina Franco.
II. Faculdade Damas da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2024.1-009)

RENATA BEATRIZ SANTANA DE ALBUQUERQUE

**GUERRA RUSSO-UCRANIANA:
UMA ANÁLISE DAS DIVERGENTES NARRATIVAS
NO PRIMEIRO ANO DO CONFLITO**

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob a orientação da Prof^a. Ma. Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado

Aprovado em: __/__/__

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Orientadora: Ma. Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Examinador: Dr. Pedro Gustavo Cavalcanti Soares
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

Prof. Examinador: Dr. Rodrigo Santiago da Silva
FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ – FADIC

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, em primeiro lugar, pela sua graça concedida todos os dias e pela força que me deu ao longo dessa jornada. Os sonhos Dele são maiores que os meus. A minha mãe, por todo o amor, esforço e dedicação que me ajudaram a trilhar essa trajetória, assim como a minha família, em especial à Jéssica e a Thyago por todo o suporte. A Gabriel, por todo carinho e apoio nesse processo, você foi essencial. À professora Maria Eduarda pela sua orientação e assistência e aos demais professores e funcionários da Faculdade Damas que contribuíram para a minha formação. Às Carrancudas, por todo o companheirismo e por fazerem esses quatro anos serem mais leves e com mais risadas. Por fim, a todos os meus amigos por se fazerem presentes, escutando e apoiando.

RESUMO

A guerra russo-ucraniana advém de uma série de fatores históricos, políticos e culturais, os quais, aliados à aproximação da Ucrânia com a OTAN e o medo russo de perda da sua zona de influência, levaram ao início do conflito em fevereiro de 2022. Para além do papel da mídia na veiculação de imagens fortes do conflito e a divulgação de elementos como a migração em massa e a destruição do território ucraniano, tem-se o forte papel dos líderes Putin e Zelensky na construção da narrativa do conflito a partir de seus respectivos discursos e estratégias. Assim, o presente trabalho foca na análise e comparação dos divergentes discursos dos dois líderes, identificando como estes foram utilizados como uma ferramenta para a angariação do apoio internacional no primeiro ano da guerra. O método empregado foi o da análise de conteúdo, utilizando o software Iramuteq.

Palavras-chave: guerra russo-ucraniana; discurso; Vladimir Putin; Volodymyr Zelensky

ABSTRACT

The Russian-Ukrainian war arises from a series of historical, political and cultural factors, which, combined with Ukraine's rapprochement with NATO and Russia's fear of losing its sphere of influence, led to the beginning of the conflict in February 2022. In addition to the role of the media in conveying strong images of the conflict and publicizing elements such as the mass migration and the destruction of Ukrainian territory, there is the strong role of the leaders Putin and Zelensky in building the narrative of the conflict from their respective speeches and strategies. Therefore, the present research focuses on the analysis and comparison of the two leaders' divergent speeches, identifying how they were used as a tool to garner international support in the first year of the war. The method used was content analysis, using the Iramuteq software.

Keywords: russo-ukrainian war; speech; Vladimir Putin; Volodymyr Zelensky

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	11
Figura 2	12
Figura 3	22
Figura 4	40
Figura 5	41
Figura 6	44
Figura 7	45
Figura 8	48
Figura 9	49
Figura 10	50

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA.....	10
2.1. A história entrelaçada dos dois países.....	11
2.2. A União Soviética.....	13
2.2.1. Holodomor: a grande fome.....	15
2.2.2. Cessão do arsenal nuclear pela Ucrânia à Rússia.....	16
2.3. A Revolução Laranja.....	17
2.4. Euromaidan e a Revolução Ucraniana de 2014.....	19
2.5. Anexação da Crimeia.....	20
2.5.1. Movimento separatista na região de Donbass.....	21
2.6. O Inflamar da guerra e a importância geopolítica da Ucrânia para a Rússia.....	23
3. O CONSTRUTIVISMO E A LINGUAGEM.....	25
3.1. A perspectiva construtivista de Nicholas Onuf: as regras e atos de fala.....	25
3.1.1. Regras.....	26
3.1.2. Atos de Fala.....	29
3.2. Linguagem através de Bakhtin e seu círculo.....	31
3.2.1. Dialogismo.....	32
3.2.2. Gêneros do discurso.....	34
3.2.3. Signo.....	35
4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS E COMPARAÇÃO DAS NARRATIVAS.....	38
4.1. Metodologia e dados empíricos.....	38
4.2. Zelensky.....	39
4.3. Putin.....	43
4.4. Conversão e mensuração do desempenho das narrativas.....	47
4.4.1. Ucrânia.....	48
4.4.2. Rússia.....	51
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	53
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	55
7. APÊNDICE	59

1. INTRODUÇÃO

Iniciada em 24 de fevereiro de 2022 com a invasão do território ucraniano pela Rússia, a Guerra da Ucrânia já contabiliza dois anos de duração. Com resultados trágicos como a migração em massa e a destruição de cidades ucranianas, a guerra que deveria, inicialmente, ser uma investida rápida de acordo com o planejamento russo, acarretou em diversas sanções econômicas contra a Rússia, além do impacto gerado no fornecimento energético europeu e na cadeia global de suprimentos.

Antecedida por tensões históricas, territoriais, culturais e políticas entre os dois países, como, por exemplo, a anexação da Crimeia e a Revolução Ucraniana de 2014, a guerra teve sua origem na aproximação do governo ucraniano com a Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN), fazendo com que Moscou interpretasse tal movimentação como uma ameaça a sua integridade territorial, bem como uma perda considerável na sua zona de influência.

Assim, a partir desse momento, a Rússia intensificou suas ameaças e a situação se inflamou com o reconhecimento formal pelo governo russo de duas áreas separatistas pró-Rússia instaladas na Ucrânia, isto é, Luhansk e Donetsk, como países independentes, e, por fim, com a invasão das regiões ucranianas com tanques de guerra. Em resposta, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky decretou lei marcial no país e a população virou símbolo de resistência ao se unir para defender a soberania da nação, persistindo até os dias atuais.

Nesse sentido, no período em que dura o confronto, o mundo vem acompanhando de perto o desenrolar dos acontecimentos através das grandes mídias, especialmente por meio das redes sociais, que marcaram um papel único e relevante na disseminação de informações - verdadeiras ou não - em tempo real. Torna-se, então, um ponto importante, o uso do discurso pelos dois grandes atores na moldagem das interpretações do conflito. Como exemplo da Rússia, pode-se mencionar a recusa na definição da guerra como tal, sendo esta chamada por Vladimir Putin de "operação militar especial" em seu princípio e na manipulação e repressão da imprensa russa na retratação do embate.

A Ucrânia, por sua vez, tem feito um produtivo trabalho na internacionalização

do conflito, além de angariar cada vez mais apoio bélico e financeiro de países simpatizantes através, principalmente, da figura de Zelensky. Levando em consideração os elementos trazidos, o presente trabalho visa, através do olhar da teoria construtivista e da linguagem segundo Bakhtin e seu círculo, entender como a Rússia e a Ucrânia usaram do discurso como uma ferramenta no primeiro ano da guerra.

Este trabalho se caracteriza como uma pesquisa, buscando ampliar o conhecimento e investigar as narrativas aplicadas pelos dois respectivos líderes das nações russa e ucraniana, uma linha que foge um pouco da temática empregada na maior parte dos trabalhos referentes à guerra russo-ucraniana até o presente momento. Além disso, visa-se com essa pesquisa fomentar o desenvolvimento de novos materiais sobre o assunto, trazendo novas questões a serem avaliadas.

Dessa forma, como principais objetivos, apresentam-se comparar as duas diferentes narrativas russa e ucraniana sobre o conflito, tal como analisar a contribuição desempenhada pelos seus respectivos líderes ao longo do primeiro ano e verificar qual deles obteve melhores resultados através da narrativa escolhida. Por fim, a metodologia de pesquisa aplicada será a qualitativa, tendo como técnica principal a análise de conteúdo e, como materiais, pronunciamentos e discursos dos presidentes disponibilizados pelos sites oficiais de seus respectivos países.

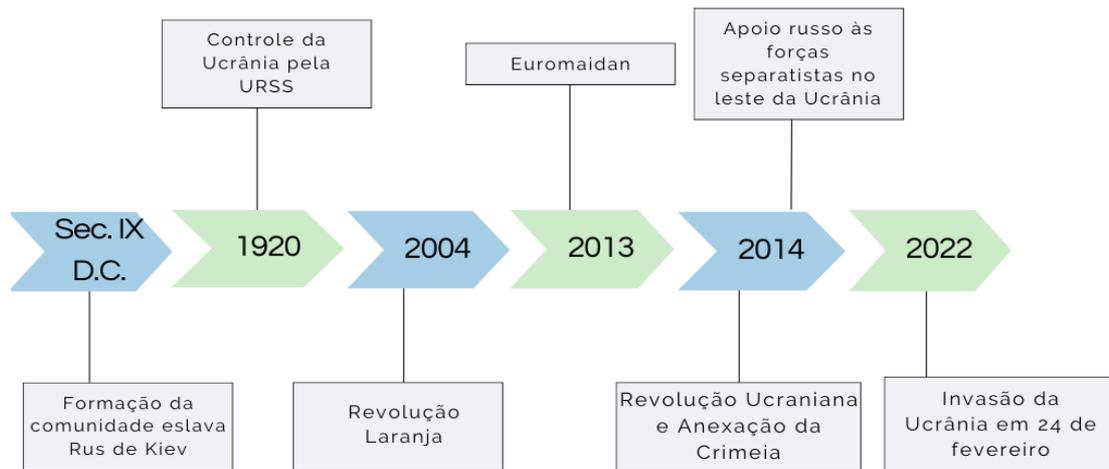
2. ANTECEDENTES HISTÓRICOS DA GUERRA RUSSO-UCRANIANA

Apesar do antagonismo entre a Rússia e Ucrânia não ser uma novidade e a tensão entre os dois países iniciada na região de Donbass ter crescido progressivamente diante do mundo, o desencadear da guerra russo-ucraniana em 24 de fevereiro de 2022 não poderia ter sido menos impactante. O que, a princípio, foi imaginado pelos russos como uma investida de rápida resolução, hoje resulta em milhares de mortos e feridos, na migração de aproximadamente 8 milhões de ucranianos segundo a ACNUR - sendo considerado o movimento populacional mais rápido desde a Segunda Guerra Mundial pela ONU, em sanções econômicas contra a Rússia, na deficiência do fornecimento energético europeu e várias outras consequências alarmantes.

Todos esses elementos foram amplamente divulgados com fortes imagens correndo mídia afora, como: famílias sendo separadas, crianças em choque, a migração em massa, mortos, feridos e bombardeios. Assim, as diferentes narrativas do conflito foram apresentadas ao sistema internacional desde o seu princípio.

Antecedida por uma série de desavenças e tensões históricas, territoriais, culturais e políticas entre os dois países, observa-se, de acordo com Espinoza, Leheza e Holovii (2022, p. 18), ao menos sete fatores que levaram ao início do conflito, sendo alguns deles: a assinatura sem garantias do Memorando de Budapeste pela Ucrânia; a eleição do presidente pró-Rússia Yanukovich em 2010, a anexação da Crimeia em 2014, a clara dinâmica de corrupção que se estendia na Ucrânia por aproximadamente 30 anos; a guerra de informação russa que incita russos contra ucranianos e a saída da Ucrânia da esfera de petróleo e gás russos. Esses fatores serão aprofundados, entre outros elementos históricos, ao longo deste capítulo, como mostra a linha do tempo abaixo:

Figura 1: Principais eventos históricos que levaram à invasão russa na Ucrânia



Fonte: Elaborado pela autora, 2024

Dessa maneira, iniciando a análise da linha do tempo, começaremos o contexto histórico que desemboca no atual embate que até o momento já contabilizou dois anos de duração, o qual remonta ao século IX D.C., na circunstância da comunidade étnica eslava Rus de Kiev, uma espécie de ancestral em comum aos dois países (KORT, 2008).

2.1. A história entrelaçada dos dois países

Rus de Kiev compreendia, entre outros, o território da Ucrânia e a região ocidental da Rússia, e a ascendência em comum corrobora em partes com as falas do presidente Vladimir Putin sobre russos e ucranianos serem “um só povo”.¹ Com o passar do tempo, porém, cíclicos afastamentos e aproximações entre os dois atores levaram à cisão que se conhece hoje.

De acordo com Kort (2008), as origens do Estado Rus de Kiev são nebulosas. O termo “Rus” é uma provável referência aos varangianos, guerreiros mercadores que chegaram à região há muitos séculos ocupada pelos eslavos orientais. Este último grupo estava estabelecido no território no século IX, onde fundou

¹ "Waack: Putin voltou a dizer que ucranianos e russos são um só povo", CNN Brasil, 2022.

Disponível em:

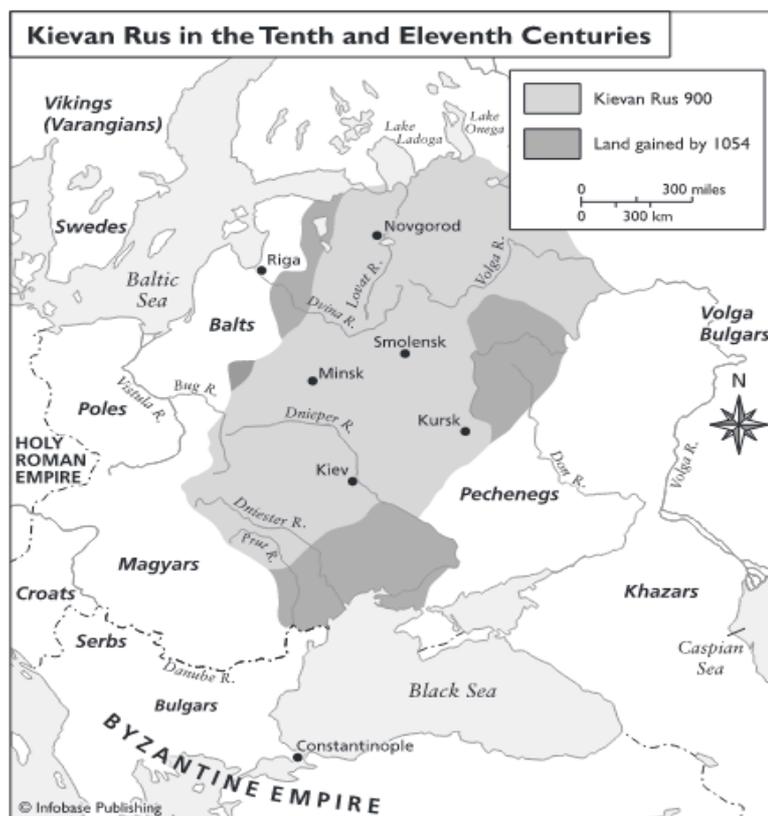
<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/waack-putin-voltou-a-dizer-que-ucranianos-e-russos-sao-um-so-povo/> Acesso em: 20/05/2023.

aproximadamente 300 cidades, sendo seu sustento baseado principalmente na agricultura e pecuária, até que, em meados do ano 862, um grupo de varangianos liderado pelo príncipe Rurik se estabeleceu na cidade de Novgorod.

Vinte anos depois, seu sucessor Oleg conquistou a cidade de Kiev (local em que nasceram as atuais Rússia e Ucrânia), a qual se tornou a capital de Rus de Kiev e o ponto de controle de um conjunto de cidades-estado que se expandia do Báltico ao Mar Negro. Um outro importante feito atribuído a Oleg é o comércio estabelecido com o Império Bizantino, permitindo aos comerciantes de Rus de Kiev negociar em Constantinopla e viabilizando o intercâmbio entre as duas culturas.

Em 988, o então príncipe pagão Vladimir de Novgorod e Rus de Kiev se converteu ao cristianismo ortodoxo grego devido aos laços com o Império Bizantino, fator o qual deu a Rus de Kiev sua primeira língua escrita, a eslava eclesiástica, semelhante a falada pelos eslavos orientais e, portanto, de fácil compreensão por eles. A partir de então, a arte e o folclore foram disseminados e incentivados.

Figura 2. Rus de Kiev nos séculos X e XI



Anos depois, Rus de Kiev atingiu seu pico de poder sob a liderança de Yaroslav, o sábio e Vladimir Monomakh, onde se observou o primeiro código de lei da Rússia e a transformação de Kiev em um centro artístico, cultural e urbano com aproximadamente 50 mil pessoas no século XII, após consideráveis vitórias militares. Conforme explica Kort (2008), Rus de Kiev possuía duas importantes características para a época: era uma sociedade relativamente livre (que nada se compara com o poder absoluto dos futuros czares russos) e próspera para o padrão europeu - seu solo fértil gerava fartas colheitas e os rios que a cercavam facilitaram o comércio com outros povos.

Tais qualidades, porém, de nada evitaram seu declínio na metade do século XII, após conflitos entre os príncipes das cidades-estado que a compunham e a investida de invasores estrangeiros, resultando na divisão de Rus de Kiev em doze pequenos principados.

No século XIII, levando à queda definitiva de Rus de Kiev, ocorreu a invasão dos mongóis pelo leste. Segundo Kort (2008), Kiev caiu em dezembro de 1240, deixando a cidade irreconhecível em apenas seis anos. Contudo, apesar de também sofrer ataques dos mongóis, Moscou, antes uma pequena vila durante o controle de Rus de Kiev, prosperou e expandiu seu território por volta do ano 1300, levando à posterior unificação russa por Ivan III em 1480.

Nesse sentido, ambos os grupos étnicos russos e ucranianos reivindicam o legado de Rus de Kiev. Segundo os historiadores russos, existe uma continuidade institucional e histórica da antiga Rus até o Estado russo moderno. Para os ucranianos, por sua vez, sua linhagem é a descendência mais direta da população de Rus de Kiev, bem como argumentam que a Rússia é originária da Ucrânia e não o contrário, tendo em vista que Rus de Kiev era centralizada onde hoje é a atual capital da Ucrânia e, onde hoje é Moscou e seus arredores, foi uma região colonizada e expandida posteriormente (YEKELCHYK, 2015).

2.2. A União Soviética

Já no século XVI, após a desintegração de Rus de Kiev, forças polonesas e lituanas invadiram o território pelo oeste, anexando o que hoje são terras ucranianas. Vale também salientar o papel do Império Austro-Húngaro, que

contribuiu para a forte influência ocidental na atual Ucrânia, despertando o sentimento de nacionalismo e não pertencimento à nação russa (CLEMENTE, 2023).

A Rússia adquiriu o controle do que atualmente são terras ucranianas através de sua expansão imperialista, onde, a partir de um tratado com os Cossacos ucranianos em 1654, passaram a incorporar terras a leste do rio Dnipro, anexando ainda mais território durante as repartições polonesas no final do século XVIII. Observa-se que, enquanto os então governantes Romanovs ignoravam e perseguiram a cultura ucraniana, os Habsburgos permitiram a educação e o uso da língua ucraniana, além dos ucranianos terem participação política no império Habsburgo.

Após a queda dos Romanovs e Habsburgos em 1917-1918, os Bolcheviques, aproveitando-se das falhas tentativas de estabelecimento de repúblicas ucranianas, formaram uma república ucraniana soviética a partir das terras herdadas do império russo, ao invés de apenas incorporarem o território a própria Rússia. As demais terras ucranianas, até então controladas pelo império Austro-hungaro, por sua vez, foram distribuídas entre a Polônia, Romênia e Checoslováquia, as quais futuramente viriam a ser anexadas pela União Soviética entre 1939 e 1945. (YEKELCHYK, 2015).

Em meados da década de 1920, os Bolcheviques buscaram medidas de indigenização (*Korenizatsiya*) a fim de difundir o ideal nacional soviético e de fazê-la atraente para outras nações. De acordo com essa política, o Estado proporcionaria a cultura e educação na língua local, além de favorecer aos cidadãos locais a participação na administração pública. Na Ucrânia, essa política ficou conhecida por “ucranização”, buscando tornar o poder soviético mais próximo da realidade do campesinato ucraniano e ser uma solução para a população ucraniana que vivia na Polônia e outros países europeus (YEKELCHYK, 2015).

Como resultado dessa política, no início da década de 30, a educação e as publicações em ucraniano só expandiram, bem como a participação de ucranianos no Partido Comunista na Ucrânia. Com esses fatores e a atração de ucranianos que estavam fora do país a retornarem à terra natal, Stalin passou a se preocupar com o

surgimento de um potencial nacionalismo ucraniano, especialmente com a resistência do campesinato à coletivização da agricultura na Ucrânia.

Dessa forma, iniciou-se um avanço sobre as terras ucranianas, desenvolvendo uma política de “russificação”, a qual, ao contrário da política que vinha sendo aplicada até então, proibia o uso e estudo da língua ucraniana e coagia a conversão à fé ortodoxa russa. Como resposta, o nacionalismo a oeste se fortificou, e a noção de “ucranianos” passou a contrastar com os russos (BBC NEWS, 2022).

2.2.1. *Holodomor*: a grande fome

Sendo uma das maiores áreas produtoras de grãos da União Soviética, a Ucrânia sofreu de maneira especial no período em que a coletivização dos territórios agrícolas foi forçada pelo governo soviético entre os anos de 1929 e 1932. Tal medida tinha o objetivo de ampliar a produção de grãos do Estado para a exportação e, conseqüentemente, arrecadar fundos para financiar os projetos industriais do Kremlin.

Ao passo que o campesinato ucraniano discordou e resistiu a tal medida, onde, por exemplo, preferiram muitas vezes sacrificar os animais do que submetê-los às fazendas coletivas, as políticas soviéticas se tornaram mais e mais duras. Com isso, a fome começou a se espalhar em partes da Ucrânia, sul da Rússia e Cazaquistão em 1931, ainda que a liderança soviética se recusasse a diminuir as cotas devidas de grãos (BUSHKOVITCH, 2014).

A situação escalonou em 1932, quando as grandes demandas do partido coincidiram com uma fraca colheita. Dessa forma, a fome em massa se espalhou no outono daquele ano pela Ucrânia, sendo agravada pela busca e confiscação nas áreas rurais, além da proibição da saída de camponeses ucranianos das fronteiras em busca de alimentos. Esse período de grande fome ficou conhecido pelos ucranianos como *Holodomor*, que significa “extermínio através da fome”.

Atualmente, historiadores ucranianos estimam perdas populacionais entre três a três milhões e meio de pessoas devido à fome, enfraquecendo a população e consolidando a ordem stalinista na área rural. O *Holodomor* é lembrado pelos ucranianos como a sua maior catástrofe nacional, sendo considerada uma política

deliberada de enfraquecimento da nação ucraniana, ideia reforçada pela campanha de terror político contra as elites culturais e políticas ucranianas durante e após a grande fome. Obtendo sucesso na opressão aplicada no povo ucraniano, ao final do período soviético a maior parte das cidades no ocidente e centro ucranianos falavam russo, acabando com o processo bilíngue estabelecido no período de ucranização (BUSHKOVITCH, 2014).

Com a chegada da Revolução Russa e a formação da União Soviética no século XX, vale ressaltar, ainda, a retomada da Ucrânia do domínio alemão no período da Segunda Guerra Mundial pela URSS, adicionando a esta última uma ainda maior importância geopolítica e econômica e contribuindo para o discurso de êxito no combate ao nazismo, o qual também é pauta na narrativa contemporânea de Putin ao justificar a invasão à nação vizinha (CORDOVA; MENEGELLO, 2022).

A partir da premissa de uma ideologia soviética em comum, a península da Crimeia, já não mais sob controle ucraniano, foi colocada novamente. Apesar da concessão, os esforços para a incorporação completa da Ucrânia sob a influência russa não diminuíram. Ao final da Guerra Fria, no entanto, Kiev se tornou independente em dezembro de 1991 sob voto popular. Desde então, a Rússia, antes acostumada com uma anterior forte realidade geopolítica, engajou-se na ideia de restauração de uma Ucrânia sob a influência militar e econômica russa (LOUREIRO, 2022).

2.2.2. Cessão do arsenal nuclear pela Ucrânia à Rússia

Um importante elemento subsequente na história entre os dois países, é a concessão das armas nucleares ucranianas à Rússia na década de 1990. Com o intermédio dos Estados Unidos, em 1994, a Ucrânia assinou um acordo onde cedeu o seu arsenal nuclear herdado do passado soviético. Conhecido como Memorando de Budapeste, o acordo foi assinado pelos EUA, Rússia e Grã-Bretanha, os quais ofereceram à Ucrânia garantias securitárias, e esta, por sua vez, deu entrada no Tratado de Não Proliferação de Armas Nucleares (PLOKHY, 2017).

Segundo Ploky (2017), apesar dos questionamentos que surgiram em Kiev sobre a prudência (ou falta dela) na entrega deste instrumento bélico - tal indagação ganharia mais força com a invasão da Ucrânia pela Rússia em 2014, ato este que

era proibido de acordo com o Memorando de Budapeste, onde deveriam ser respeitadas a soberania e integridade territorial ucranianas - houveram benefícios que compensaram tal troca à época. Além de sair do isolamento internacional como um país que se recusava a aderir ao tratado de não proliferação, também passou a ser o terceiro maior país beneficiário da ajuda externa estadunidense.

2.3. A Revolução Laranja

É possível observar que, sendo o lado leste da Ucrânia historicamente o primeiro a cair no controle do governo russo, esta parte do país possui maior facilidade e preferência no que tange a escolher líderes pró-Rússia. Enquanto isso, o oeste, devido às cíclicas trocas de domínio europeu (como a Polônia e Áustria-Hungria), tende a apoiar lideranças pró-Europa. Tais diferenças se estendem também para questões linguísticas e religiosas.

Nesse sentido, seguindo adiante na linha do tempo, faz-se importante mencionar a Revolução Laranja de 2004. Esta demonstrou de forma clara a rachadura entre os dois povos, quando ucranianos foram às ruas em busca de uma maior integração com a Europa. A revolução teve início com a tentativa de barrar a eleição do candidato pró-Rússia Viktor Yanukovich, onde os protestos da população viabilizaram a eleição do candidato pró-Europa Viktor Yushchenko após alegações de fraude e de interferência russa nas eleições.

Vale ressaltar que Yanukovich foi financiado por oligarcas, pelo aparato do Estado e pela rede de televisão russa. Em 21 de novembro, tem-se, então, o segundo turno disputado por Yanukovich e Yushchenko, onde foi observada uma grande discrepância entre os resultados preliminares da comissão eleitoral e das pesquisas realizadas após a votação entre os eleitores. Nesse cenário, a comissão afirmava a vitória de Yanukovich enquanto as pesquisas atestavam vitória a Yushchenko. Constatou-se então, o acesso ao servidor da comissão eleitoral por parte da equipe de Yanukovich e a manipulação dos votos.

Nesse cenário, a oposição apoiadora de Yushchenko incitou protestos na *Maidan* - como os residentes da capital Kiev abreviam o nome da principal praça da cidade, que, traduzida, significa “praça da independência” e que possui uma forte reputação por dar lugar a protestos políticos desde 1990 - através do uso de

mensagens de texto e redes sociais, tendo aproximadamente 200 mil pessoas no centro da cidade até o dia seguinte (YEKELCHYK, 2015). Tal ocupação foi feita com grandes tendas decoradas com bandeiras e uso de trajes laranjas por dois meses - a cor laranja foi adotada pelos protestantes como a cor oficial do movimento por ter sido a cor da campanha eleitoral do candidato Viktor Yushchenko -, de onde surgiu, então, o nome da revolução. Apesar do viés pró-europeu da luta contra a corrupção e as elites pós-comunistas, as demandas dos protestantes eram, principalmente, por democracia, transparência política e igualdade.

O então governo não interferiu na borbulhante revolução e alguns protestantes colocaram uma maior pressão nas autoridades bloqueando prédios do governo. A desunião entre as figuras chave no governo foi essencial numa dissolução pacífica do impasse, bem como a pressão do ocidente, trazendo mediadores internacionais de alto nível, como os presidentes da Polônia e Lituânia e o porta-voz do parlamento russo. Por fim, o regime concordou em repetir as apurações, que levaram à derrota de Yanukovich.

Além de garantir eleições democráticas, a Revolução Laranja foi essencial na forma como os ucranianos definiram a sua identidade nacional². Mesmo após a independência da Ucrânia, as linhas que a separavam da Rússia nunca haviam ficado tão claras até aquele momento, servindo a revolução, assim, para estabelecer suas bases democráticas e fazer frente ao autoritarismo de Putin. Vale mencionar, ainda, que as repercussões da Revolução Laranja foram para além do território ucraniano, onde Moscou, a fim de evitar a contaminação da onda democrática vinda de seu vizinho, abraçou um senso de nacionalismo que dava continuidade ao passado soviético, bem como aplicou várias formas de pressão econômica e política à Ucrânia.

Ao assumir o poder após a revolução, Yushchenko se esforçou na valorização da cultura e língua ucranianas, bem como buscou o recebimento de um plano de ação para adesão à OTAN. Contudo, apesar de alcançar resultados no tocante a conquista da simpatia do ocidente na retratação da Ucrânia como um país europeu,

² "How Ukraine's Orange Revolution shaped twenty-first century geopolitics", Atlantic Council, 2020. Disponível em:

<https://www.atlanticcouncil.org/blogs/ukrainealert/how-ukraines-orange-revolution-shaped-twenty-first-century-geopolitics/> Acesso em: 24/09/2023.

seu governo não obteve sucesso politicamente, fracassando numa maior integração junto à Europa. Nesse sentido, Yushchenko pavimentou o caminho para o retorno de Yanukovych ao cenário político ucraniano e a sua consequente vitória nas eleições de 2010.

2.4. *Euromaidan* e a Revolução Ucraniana de 2014

Aproveitando-se do controle remanescente do seu partido na base eleitoral das regiões ao leste, predominantemente de língua russa e onde a Revolução Laranja foi retratada como uma intriga ocidental, Yanukovych retornou ao poder como primeiro ministro e, posteriormente, como presidente em 2010.

A volta de Yanukovych pareceu para a Rússia, a princípio, uma oportunidade de desfazer os avanços trazidos pela Revolução Laranja. Porém, apesar deste exercer um governo de viés pró-rússia, Yanukovych mostrou interesse em assinar um acordo de associação com a União Europeia. Tal acordo visava o estabelecimento de uma zona de livre comércio que enriqueceria o comércio ucraniano, bem como daria a população um maior acesso a toda a Europa (YEKELCHYK, 2015).

Tais planos se chocavam diretamente com as intenções da Rússia de Putin, o que levou Yanukovych a retroceder no acordo com a União Europeia. O que nenhum desses atores contava, no entanto, eram as fortes intenções dos ucranianos e, novamente, os protestos da população se fizeram ouvir. A nova série de protestos foi liderada por estudantes ucranianos pró-Europa e englobou vários grupos da sociedade entre 2013 e 2014, ficando conhecida como *Euromaidan*. Enquanto isso, a rede de televisão estatal russa fez questão de retratar o *Euromaidan* como um golpe realizado por ucranianos neo-nazistas, focados em erradicar a cultura russa na Ucrânia. Não demorou muito para que as forças de segurança de Yanukovych tentassem extinguir os protestos usando força armada - ao contrário do governo de Kuchma, no poder durante a Revolução Laranja de 2004 - os quais foram para além de Kiev e passaram a adotar uma postura contra símbolos russos, como, por exemplo, estátuas de Lenin (YEKELCHYK, 2015).

Com um perfil de combate os protestos violentos e que levou a várias mortes, os protestos do *Euromaidan* levaram a uma revolta generalizada contra o governo

de Yanukovych, pedindo sua renúncia, a realização de eleições presidenciais antecipadas e reformas políticas substanciais. Nasceu, então, a Revolução Ucraniana, a qual culminou na fuga de Yanukovych em fevereiro de 2014 e na instauração de um governo de transição (SOAVINSKI, 2015).

Embora o *Euromaidan* tenha sido o ponto de partida da Revolução Ucraniana, este último termo abrange uma série de eventos mais amplos e complexos que incluíram também confrontos violentos entre manifestantes e forças de segurança, a aprovação de reformas constitucionais e a eleição de um novo presidente (Petro Poroshenko). Portanto, enquanto o Euromaidan foi o catalisador e a fase inicial da Revolução Ucraniana, esta última abrange um período mais amplo de transformação política e eventos subsequentes. Dito isso, na passagem de poder para o sucessor de Yanukovych, isto é, Poroshenko, ocorreu a anexação da Crimeia pela Rússia e o conflito armado no leste da Ucrânia entre forças ucranianas e separatistas pró-russos.

2.5. Anexação da Crimeia

Uma vez pertencente à Rússia e presenteada à Ucrânia em 1954 em um gesto simbólico entre países pertencentes à União Soviética, a península da Crimeia no mar negro e a sua respectiva invasão em março de 2014 são um dos mais fortes elementos que demonstram a busca russa por domínio (PLOKHY, 2017).

Com a derrota à influência russa que significou o *Euromaidan*, anexar a região da Crimeia pareceu uma boa maneira de minar a nova Ucrânia, devido a sua localização estratégica e uma vez que, entre outros fatores, impediria a entrada do país na OTAN e UE, organizações que não aceitam novos membros com conflitos territoriais ativos. Além desses elementos, tal anexação seria bem vinda pela população russa, evocando a lembrança do grande poder político dos tempos soviéticos e imperialistas russos (YEKELCHYK, 2015).

Sendo a única região ucraniana com uma maioria étnica russa, após dias da mudança de poder em Kiev, homens (futuramente descobertos como soldados russos) passaram a tomar prédios governamentais, aeroportos e instalações militares na Crimeia. Isso se deve, além dos laços com a Rússia, ao

descontentamento da península com os governos ucranianos - comumente associados à corrupção.

Assim, o parlamento da Crimeia, após a queda de Yanukovich, realizou um apressado - e de acordo com as leis ucranianas, inconstitucional - referendo para a independência da Crimeia da Ucrânia e a anexação à Rússia em 16 de março de 2014. De acordo com os resultados oficiais, 96,77% da população da Crimeia foi a favor, onde as autoridades da península declararam a independência no dia seguinte e assinaram o tratado de anexação com a Rússia no dia 18 de março do mesmo ano (DOURADO, 2020).

Com a falta de uma voz pró-Ucrânia na Crimeia, defender a península foi quase impossível. Com um exército negligenciado por sucessivos governos, as autoridades ucranianas não autorizaram o uso da força contra os agressores na Crimeia. Em 27 de março de 2014, a Assembleia Geral das Nações Unidas fez uma resolução condenando o referendo e a anexação como ilegais. Apenas a própria Rússia e dez de seus aliados votaram contra.

No começo de abril, países ocidentais passaram a aplicar sanções econômicas e diplomáticas contra a Rússia pela violação da integridade territorial ucraniana. Apesar das sanções, com as justificativas dadas pelo governo de Moscou alegando a defesa de grupos étnicos de origem russa e as raízes militares e históricas da região, os níveis de aprovação do presidente Putin subiram a 83%.

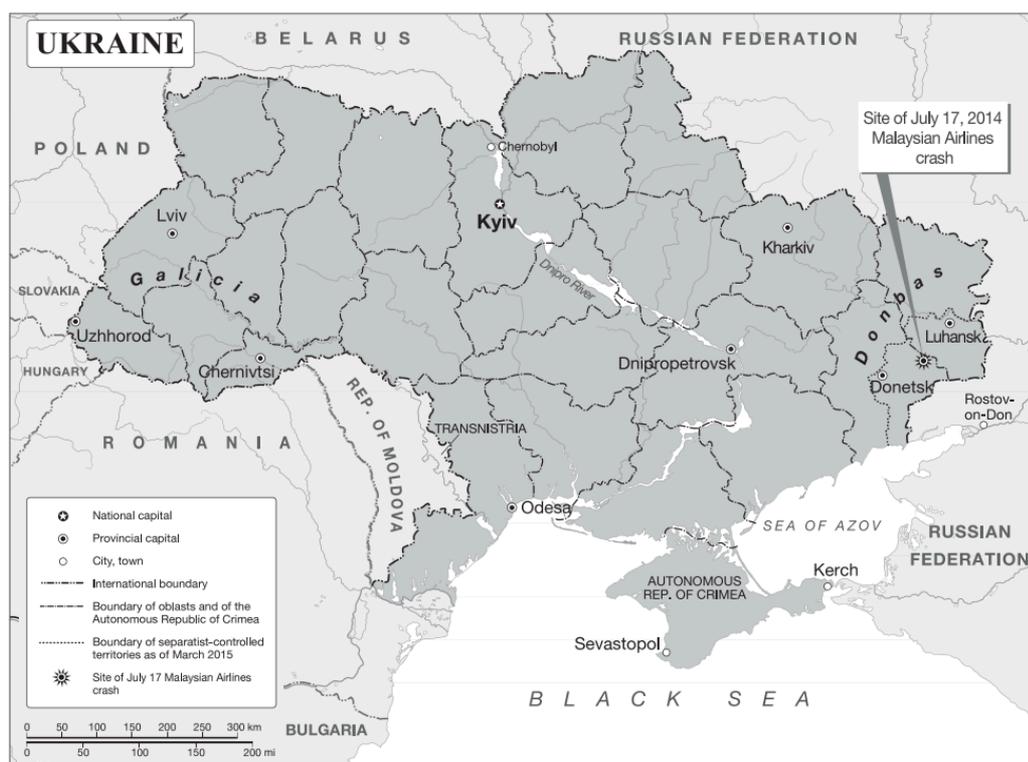
2.5.1. Movimento separatista na região de Donbass

Tendo em comum entre as regiões de Donbass e da Crimeia a língua russa como nativa e conexões simbólicas com o passado imperial, a anexação da península serviu de combustível para inflamar o movimento separatista nas regiões de Donetsk e Luhansk (o qual viria a ser de grande importância no conflito de 2022), bem como acirrou as tensões entre a Rússia e a comunidade internacional ocidental, em especial a UE e os EUA, sob a acusação de violação do direito internacional.

Dessa forma, segundo Yekelchik (2015), a luta em Donetsk e Luhansk combina elementos tanto de guerra civil como de uma invasão estrangeira, tendo causas internas e externas. De maneira semelhante ao processo da Crimeia, a Rússia argumenta quanto à defesa de grupos étnicos e falantes russos na região de

Donbass, fornecendo, assim, armas e militares russos. Logo, Moscou consolidou a quebra de garantias feitas a Kiev através de atos como o Memorando de Budapeste de 1994 e o Tratado de Cooperação e Amizade de 1997, os quais reconheciam a integridade e soberania territoriais da Ucrânia mediante concessões de caráter militar e estratégico por parte desta, a exemplo da renúncia ao seu arsenal nuclear, conforme já mencionado.

Figura 3. Configuração do território ucraniano pré-guerra de 2022



Fonte: Yekelchik, 2015.

Nesse sentido, Donetsk e Luhansk tentaram seguir o exemplo da Crimeia e, como apoiadores da Rússia, conseguiram o controle da administração pública e lançaram uma espécie de insurgência. Também houveram tentativas de realizar um referendo, mas não angariaram votos suficientes da população, ao passo que Poroshenko respondeu aos rebeldes com uma operação anti-terrorista.

No verão de 2014, as forças militares da Ucrânia estavam prestes a derrotar as auto-proclamadas repúblicas de Donetsk e Luhansk, ao que a Rússia respondeu fornecendo assistência militar aos nacionalistas russos. Apesar dos esforços, o controle da fronteira não foi de muito sucesso político, apenas garantiu a

manutenção do controle russo e impediu que a região voltasse para o domínio ucraniano.

2.6. O Inflamar da guerra e a importância geopolítica da Ucrânia para a Rússia

O conflito em Donbass e a anexação da Crimeia fez a Rússia encarar diversas consequências, a exemplo das sanções econômicas dos EUA e UE, além do reforço militar que a OTAN fez em Estados membros como a Estônia, Lituânia e Polônia. Assim, com a segurança cada vez mais ameaçada, em 2022, após novas tentativas de reaproximação do governo ucraniano com a OTAN, a Rússia, preocupada com a sua integridade territorial, com a perda na sua zona de influência e com o acesso que tal adesão traria aos Estados Unidos, iniciou as ameaças a Kiev.

A partir desse momento, a situação se inflamou com o reconhecimento formal pelo governo russo das duas áreas separatistas pró-Rússia instaladas na Ucrânia, isto é, Luhansk e Donetsk, como países independentes, e, por fim, com a invasão das regiões ucranianas com tanques de guerra, uma operação militar de fato.

Em seu pronunciamento naquele fatídico 24 de fevereiro, Vladimir Putin chamou o que veio a ser a largada na guerra de "operação militar especial".³ Em resposta, o presidente ucraniano Volodymyr Zelensky decretou lei marcial no país e a população virou símbolo de resistência ao se unir para defender a soberania da nação, persistindo até os dias atuais.

De forma resumida, vale, então, salientar alguns dos principais fatores que justificam, na visão russa, a persistência da presença das tropas de Putin na Ucrânia até hoje. Além de tentar evitar que a Ucrânia se junte à OTAN, a manutenção do que é visto pela Rússia como seu espaço vital é de extrema importância. Em outras palavras, o território ucraniano serve como zona tampão para a Rússia desde a invasão napoleônica de 1812, sendo até os dias atuais a fronteira direta desta com o Ocidente. Outro ponto relevante é o papel exercido pelo próprio Putin. Enquanto líder da nação, seus desejos por manter seu legado se mostram com algo que

³ "Putin autoriza "operação militar especial" em região separatista da Ucrânia", CNN Brasil, 2022. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/putin-autoriza-operacao-militar-especial-em-regiao-separatista-da-ucrania/> Acesso em: 19/05/2023.

contribuiu para o desenvolvimento do conflito, uma vez que as diversas falhas em estabelecer um domínio estável sobre a Ucrânia perduram desde que este assumiu o cargo.

Por fim, o cenário atual da guerra resulta em milhares de mortos, fome, migração em massa, saída de importantes empresas da Rússia e vários outros fatores. Torna-se inegável a mudança do tabuleiro político exercido pelo conflito russo-ucraniano, tendo em vista o apoio ofertado pelo ocidente à Ucrânia e o pedido de entrada da Finlândia e da Suécia na OTAN, por exemplo.

Outro importante elemento é a crise energética gerada na Europa, principal consumidora da energia fóssil produzida na Rússia. Ao passo em que a Europa se mostra dependente de Moscou nesse sentido, também é uma ameaça de mão dupla, considerando a busca europeia desencadeada desde então por fontes alternativas de energia. Vale ressaltar, ainda, que, para além da Europa, a repercussão na cadeia logística mundial também acontece, seja com o impedimento de navios cargueiros ucranianos de levarem toneladas de grãos ou a queda na exportação de fertilizantes russos.

Por fim, tendo em vista os aspectos históricos, culturais e geopolíticos mencionados, pode-se observar que o conflito russo-ucraniano vem sendo construído ao longo de séculos, bem como possui nuances que dificultam a resolução do impasse. Passando por momentos como a União Soviética, a Revolução Laranja, o Euromaidan e a anexação da Crimeia, fica claro que as intenções russas de exercer o domínio sobre a Ucrânia se estendem e não aparentam sinais de mudança em um cenário político próximo.

Dessa maneira, o próximo capítulo do presente trabalho visa explicitar, através da teoria construtivista segundo Nicholas Onuf, como a construção de diferentes discursos e os atos de fala são importantes na constituição e molde do conflito.

3. O CONSTRUTIVISMO E A LINGUAGEM

3.1. A perspectiva construtivista de Nicholas Onuf: as regras e atos de fala

De maneira geral, o construtivismo alega que o mundo é socialmente construído. No tocante ao debate agentes/estrutura, essa corrente nega a antecedência ontológica tanto dos agentes quanto da estrutura, afirmando que ambos se coconstroem, sem um preceder o outro nem em tempo ou em capacidade de influência (NOGUEIRA;MESSARI, 2021).

Além disso, conforme explica Adler (1999), o construtivismo evidencia que, mesmo instituições duradouras têm base em entendimentos coletivos, isto é, estas são formadas por entendimentos difundidos e consolidados que se tornaram inevitáveis. Dessa forma, os entendimentos coletivos “dão às pessoas razões pelas quais as coisas são como são e indicações de como elas devem usar suas habilidades materiais e seu poder” (ADLER, 1999, p. 206).

Com tais elementos em vista, faz-se importante ressaltar a importância da linguagem nas análises construtivistas. A centralidade da virada linguística, adotada por alguns autores construtivistas, em especial Onuf e Kratochwil, coloca a análise do discurso como elemento chave na análise das Relações Internacionais, visando entender as normas e regras que compõem tal discurso (NOGUEIRA;MESSARI, 2021).

Em contrapartida, nós fazemos o mundo o que ele é, a partir das matérias-primas que a natureza fornece, fazendo o que fazemos uns aos outros e dizendo o que dizemos uns aos outros. De fato, falar é fazer: falar é sem dúvidas a forma mais importante de fazer do mundo o que ele é. (ONUF, 1998, p.59, tradução nossa)

Considerado um dos pioneiros do construtivismo, Onuf utiliza elementos do direito internacional a fim de apontar, no comportamento guiado por regras, o impacto das RI (ADLER, 1999). Para Onuf (1989; 1998), as Relações Internacionais são relações sociais e estudar a primeira é estudar a segunda. Sendo assim, o autor reforça a ideia de que seres humanos são seres sociais e que sem tais relações, não seríamos humanos, sendo as relações sociais o que nos torna o que somos.

3.1.1. Regras

De acordo com Onuf (1989), o que liga as pessoas e a sociedade são as regras - termo que inclui as regras legais, mas não restringindo apenas a elas -, as quais dizem às pessoas o que elas devem fazer e pelas quais os indivíduos e a sociedade se constituem reciprocamente, de maneira contínua. Para o autor, as regras são uma questão de linguagem, sendo estas declarações, ou pelo menos capazes de ter efeito de declarar. Sendo assim, a regra diz às pessoas *o que* elas *devem* fazer, onde o “o que” se trata de um modelo que serve para situações semelhantes, e que se esperam encontrar. O “dever”, por sua vez, fala sobre ajustar a conduta ao padrão esperado. Em caso de falha ao atender às regras, consequências são esperadas.

Nesse sentido, ao tratar de regras, seja as seguindo, quebrando, fazendo, transformando ou excluindo, temos as *práticas* como resultado. Estas servem de exemplo mesmo quando não está claro exatamente o que uma regra diz. Entre outros elementos, as regras também demonstram quem são os participantes ativos da sociedade, isto é, os agentes. Estes podem ser pessoas que agem a favor de outras e de construções sociais, bem como não necessitam se tratar de um único indivíduo, sendo “agência” uma condição social (ONUF, 1998).

As regras dão escolhas aos agentes, ou seja, seguir ou não as regras. Nota-se que apenas seres humanos possuem a capacidade de fazer tais escolhas, pois podem considerar as prováveis consequências de suas ações. De maneira semelhante, os agentes agem na sociedade para atingir objetivos, sendo perceptível que cada sociedade possui regras que informam quais objetivos são apropriados ou não de serem perseguidos. Assim, os agentes fazem ou tomam conhecimento das regras acreditando que segui-las os ajuda a alcançar tais objetivos (ONUF, 1998).

As regras formam, então, os agentes, os quais têm a capacidade de agir sobre o mundo, dando a eles escolhas para atuar em prol de objetivos comuns. Regras são relacionadas às práticas dos agentes, as quais frequentemente formam um padrão estável adequando as intenções dos primeiros. Tais padrões são instituições e, do ponto de vista dos agentes, estas diversas instituições, mantidas no lugar por regras que as conectam a outras instituições, formam a sociedade. Em outras palavras, a sociedade consiste de diversas instituições baseadas em regras

que as ligam a outras instituições, onde qualquer padrão estável de instituições (incluindo qualquer tipo de agente) também se trata de uma instituição. Os agentes têm ciência das instituições que os cercam, pois estas os afetam, fazendo regras que impactam nas suas respectivas condutas (ONUF, 1998).

Logo, tem-se, num mundo complexo, agentes que fazem escolhas que geram consequências para si e os demais, algumas vezes sem prever ou se importar. Dessa maneira, as consequências não planejadas frequentemente formam padrões estáveis a respeito do seu efeito nos agentes (ONUF, 1998).

Com esses elementos, isto é, qualquer padrão estável de regras, instituições e consequências não planejadas, tem-se a estrutura da sociedade, perceptível para qualquer observador. Para Onuf (1998), agentes são sempre observadores, ao mesmo tempo em que estes observam as consequências que não eram planejadas e as aceitam, passando estas últimas a serem intencionais. Se os agentes decidem que tais consequências são ruins para eles, estes vão agir a fim de mudá-las, podendo resultar em outras consequências imprevistas.

De forma objetiva, Onuf (1998) explica que a estrutura é o que os observadores enxergam, ao passo que as instituições são onde os agentes agem de dentro. No mesmo sentido, a estrutura afeta os agentes. Estes últimos são frequentemente afetados por fenômenos, sejam eles naturais ou sociais, visíveis ou não, os quais são respondidos sendo colocados num contexto institucional. Assim, os agentes institucionalizam a estrutura ao trazer regras que se adequem a estas situações.

Outro importante ponto trazido por Onuf (1998), é que a regra é um padrão estável de relações, mas não necessariamente simétrico. Como exemplo, o autor explica que, ao afirmar que as relações internacionais são anárquicas, não quer dizer que há ausência de regra. Ao contrário, significa que o que rege as RI é a estrutura e, especialmente, um padrão estável de consequências não intencionais. Assim, onde há regras (e consequentemente instituições), há liderança, esta última sendo considerada a condição onde alguns agentes usam regras a fim de exercer controle e obter vantagens sobre outros agentes.

Ainda trabalhando na anarquia como exemplo, é possível observar que a mesma é uma forma de regulamento onde as regras não são diretamente responsáveis pela forma como os agentes conduzem as relações. De forma mais exata, existem regras no plano de fundo, as quais garantem que as consequências não intencionadas das escolhas dos agentes façam a regulação. Portanto, se as consequências não intencionadas parecem regular, é porque os agentes as querem assim (ONUF, 1998).

Ademais, porque agentes são seres humanos, estejam eles agindo sozinhos ou em conjunto, pelos próprios interesses ou de terceiros, estes agem para objetivos humanos, ou seja, que refletem necessidades e desejos humanos. Contudo, as conexões entrelaçadas entre agência (quem age pelo interesse de quem?), objetivos (de quem são os objetivos afetados por quais atos?) e circunstâncias (quais características do mundo realmente importam?), tornam complicadas para os agentes explicar completamente porque agem como agem (ONUF, 1998).

Segundo Onuf (1998), agentes usam quaisquer meios disponíveis a fim de atingir seus objetivos, incluindo elementos materiais do mundo. Por vivermos em um mundo que é um lugar social, tais elementos também podem se tratar, viabilizados pelas regras, de recursos a serem explorados pelos agentes. Alguns destes recursos não são diretamente materiais, uma vez que instituições e agentes também são denominados pelas regras como recursos. De maneira geral, observa-se, então, que as razões para o uso de tais recursos, bem como das escolhas que fazem, são os interesses dos agentes.

Logo, tem-se, em suma, que as regras dão aos agentes a oportunidade de fazer escolhas racionais, baseadas nos objetivos, com segurança suficiente de que estão tomando a melhor decisão disponível para eles. Ou seja, a regra facilita a escolha a partir da noção de que esta diz aos agentes a quem a regra se refere e o que eles devem fazer caso se encontrem em alguma situação em específico (ONUF, 1998).

Onuf (1998) explica, ainda, que os agentes podem agir nos conteúdos da regra sem de fato perceber que estes formam a regra e que, a princípio, qualquer agente pode formulá-los. Dizer o que uma regra é - colocar os conteúdos da maneira correta -, é o mesmo que falar de uma forma que que faça que os ouvintes

respondam ao que está sendo dito, a fim de conseguir com que algo aconteça, isto é, alcançar algo com a assistência de um terceiro. Assim, o ato de falar de uma forma que leve alguém a agir é chamado de ato de fala.

3.1.2. Atos de Fala

Conforme será explicitado a seguir, as regras derivam dos atos de fala, onde a constituição e interpretação da primeira passa pela linguagem, demonstrando de onde vem a importância que Onuf dá à mesma e conseqüentemente ao discurso. Como já mencionado, Onuf (1998) afirma que os atos de fala são o ato de falar de uma maneira que faça alguém agir, os quais se dividem em três categorias: assertivos (*assertive speech acts*), atos de fala diretivos (*directive speech acts*), e atos de fala de compromisso (*commissive speech acts*).

Para Onuf (1989), a linguagem é, ao mesmo tempo, representativa e performativa, onde as pessoas podem usar as palavras para representar atos bem como para performá-los. É importante destacar que, independentemente da categoria que um ato de fala em específico se encaixe, apenas ele não passa de uma implicação sobre situações futuras. Porém, quando repetido frequentemente por um locutor com o mesmo efeito, todos os envolvidos passam a ver a repetição como significativa. Assim, com a repetição e o ganho de significado, o ato de fala se torna uma convenção, de forma que todos passam a acreditar que as palavras em si, e não os locutores que a disseminam, são responsáveis pelo que acontece (ONUF, 1998).

Enquanto as regras dizem aos agentes o que eles devem fazer, as convenções os lembram do que eles sempre fizeram. Apesar da linha tênue entre as duas definições, isto é, entre saber que sempre se fez algo e irá continuar a fazê-lo e entre acreditar que se deve fazer algo porque sempre o fez, nota-se que conforme os agentes percebem que devem agir como sempre agiram, e não só porque sempre assim o fizeram, a convenção ganha a força de uma regra. As regras mantêm a forma de um ato de fala a partir da generalização da relação entre locutor e ouvinte, fazendo com que regras estabelecidas tornem tais ouvintes em agentes aos quais as regras se aplicam. E, por fim, estes reconhecem que devem seguir a regra em questão por ser uma regra, e por nenhuma outra razão além disso (ONUF, 1998).

Isso posto, tem-se que as regras assertivas, conforme explica Onuf (1998), informam aos agentes sobre o mundo, ou seja, como as coisas são e como funcionam, bem como as consequências de recusar tal informação. Esta última pode ser colocada em termos gerais, sendo chamada de princípio - a exemplo do princípio de soberania - ou em termos específicos, sendo estas chamadas de regras de instrução - a exemplo de uma instrução de operação de aparelhos. De maneira mais aprofundada, os atos de fala assertivos trazem uma crença do locutor, o qual deseja ou intenciona que o ouvinte aceite tal crença. Conforme apontado por Onuf (1989), exemplos de verbos utilizados em atos de fala assertivos são: declarar, afirmar, reportar, caracterizar, atribuir, insistir e dissentir.

Atos de fala diretivos, por sua vez, são tidos como imperativos. Regras deste tipo são regras diretivas, estas informam aos agentes o que eles devem fazer e as consequências de negligenciá-las. Ou seja, atos de fala diretivos trazem para o ouvinte as intenções do locutor como um ato que este último gostaria que fosse performado. Verbos diretivos típicos seriam, então: pedir, comandar, demandar, permitir e advertir (ONUF, 1989).

Já os atos de fala de compromisso envolvem promessas, onde os locutores as realizam e os ouvintes as aceitam. Tais atos de fala de compromisso dão forma a regras quando os ouvintes, como falantes, respondem com suas próprias promessas. Tais atos de fala revelam a intenção do locutor de estar comprometido com uma ação declarada, dessa forma, prometer e oferecer são os exemplos mais comuns (ONUF, 1989). Para um ouvinte aceitar a oferta do locutor, significa que o último está se comprometendo. Assim que essa rede de promessas está suficientemente generalizada e normativa, elas se tornam regras de compromisso. Seus efeitos são os direitos e deveres que os agentes sabem que possuem para com outros agentes. O direito de um agente constitui-se no dever de outro (ONUF, 1998).

Com tais elementos em vista, Onuf (1989) traz, ainda, que os atos de fala diretivos encaixam o mundo em palavras. Por exemplo, ao solicitar que alguém conserte uma escada, o estado das coisas é o problema a ser solucionado e, após finalizado, são as palavras, através do pedido e conseqüentemente da ação, que se tornam responsáveis pela mudança no mundo. Os atos de fala de compromisso, por

sua vez, encaixam as palavras no mundo. Ou seja, comprometer-se trata-se de projetar um estado desejado e se responsabilizar para realizá-lo.

3.2. Linguagem através de Bakhtin e seu círculo

Bakhtin, famoso filósofo e pensador russo, desenvolve o seu pensamento acerca da linguagem, a enxergando através de uma perspectiva de prática social. Entre sua extensa teoria e obras, o presente trabalho se utilizará apenas dos fundamentos teóricos mais pertinentes ao seu objeto de estudo, os quais serão desenvolvidos a seguir. Vale mencionar, ainda, que os conceitos aqui mencionados também derivam do Círculo de Bakhtin⁴, a qual se tratava não de uma escola no sentido acadêmico, mas uma equipe de afinada e intensa colaboração, produzindo pesquisas em comum a partir de competências e interesses diferentes (PONZIO, 2011).

Apesar de não ter produzido uma teoria da literatura completa, tampouco uma teoria acabada da linguagem e dos diferentes níveis da língua, pode-se afirmar que há um Bakhtin linguista e teórico da literatura. Conforme explica Fiorin (2016), para Bakhtin, toda compreensão textual implica uma responsividade e, conseqüentemente, um juízo de valor. Isto é, o ouvinte/leitor, ao acessar e compreender a significação linguística de um texto, exerce uma resposta responsiva ativa, seja ela discordar, concordar, completa ou parcialmente, e assim por diante. Toda compreensão é, então, carregada de resposta.

O ouvinte, ao perceber e compreender o significado (linguístico) do discurso, ocupa simultaneamente em relação a ele uma ativa posição responsiva: concorda ou discorda dele (total ou parcialmente), completa-o, aplica-o, prepara-se para usá-lo, etc.; essa posição responsiva do ouvinte se forma ao longo de todo o processo de audição e compreensão desde o seu início, às vezes literalmente a partir da primeira palavra do falante. Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva [...]; toda

⁴ Na história das publicações de Bakhtin, é importante mencionar que há obras que lhe foram atribuídas mas que foram publicadas no nome de outros autores de seu círculo. Apesar da discussão acerca de sua autoria trazer várias possibilidades, a abordagem mais tradicional dos estudiosos da obra bakhtiniana atribui tais trabalhos aos dois respectivos autores, a exemplo de uma das obras mencionadas no presente trabalho, "Marxismo e filosofia da linguagem", considerada de autoria de Bakhtin/Volóchinov.

compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante (BAKHTIN, 2011,p. 271).

De maneira semelhante, compreender implica em dialogar com o texto e seu destinatário, considerando que a compreensão se dá quando entramos numa situação de comunicação, ainda com outros textos sobre a mesma questão. Em outras palavras, tem-se que a leitura de uma obra é social, como também individual. Ao dialogar com um texto em específico, o leitor atribui a compreensão do mesmo a partir de outras compreensões, ao passo em que, ao dialogar com o texto mobilizando o que foi lido e respondendo ativamente, sua leitura é singular (FIORIN, 2016).

3.2.1. Dialogismo

Isso posto, um dos principais conceitos trabalhados na obra de Bakhtin é o de dialogismo. Tal noção, além de fundar a concepção bakhtiniana de linguagem, constitui sua antropologia filosófica. Analisando-a através da linguagem, observa-se que, para Bakhtin, a língua em sua plenitude e uso, é dialógica, não restrita apenas ao diálogo face a face, mas também a todos os enunciados no processo de comunicação. Nestes últimos, há uma dialogização interna da palavra, sempre perpassada pela palavra do outro. De forma objetiva, isto quer dizer que o enunciador, a fim de constituir um discurso, considera o discurso alheio, que está presente no seu próprio. O dialogismo se trata, então, das relações de sentido que se estabelecem entre dois enunciados (FIORIN, 2016).

Conforme desenvolve Fiorin (2016), não há acesso direto à realidade, uma vez que esta é sempre mediada pela linguagem. O “real” é apresentado semioticamente, isto é, linguisticamente. Assim, um objeto é sempre perpassado por ideias gerais, por pontos de vista e pelo discurso de outrem, sendo todo objeto envolto em discursos. Logo, um discurso que trate de qualquer objeto, não se volta para a realidade em si, mas para os discursos que a cercam.

Vale ressaltar que não são as unidades da língua que são dialógicas, e sim os enunciados. E qual a diferença? O primeiro diz respeito aos sons, palavras e orações e podendo ser repetidos, ao passo que o segundo são as unidades reais de comunicação e irrepitíveis, tratando-se de acontecimentos únicos com características próprias. O enunciado se trata da réplica de um diálogo, ou seja,

sempre que se produz um enunciado, ocorre a participação de diálogo com outros discursos. O que o delimita, por sua vez, é a alternância dos falantes, acabando o enunciado apenas quando permite a resposta do outro. Dessa forma, o enunciado não existe fora das relações dialógicas, estando presente nele resquícios de outros enunciados e ocupando sempre uma posição numa esfera de comunicação sobre determinado problema (FIORIN, 2016).

[...] assim como a palavra, não tem autor; não é de ninguém (como a palavra), sendo somente quando funciona como enunciado completo que se torna expressão individualizada da instância locutora, numa situação concreta da comunicação verbal. (BAKHTIN, 2011, p. 309).

Conforme explicitado na citação acima, as palavras não têm autor, ao contrário dos enunciados, que o tem. Ao aplicar uma palavra em determinado contexto, esta adquire significado e deixa de ser uma unidade da língua para se tornar um enunciado. Enquanto a palavra apenas pela palavra não é dirigida a ninguém em específico, os enunciados possuem um destinatário. Da mesma maneira, as unidades da língua são neutras, sendo carregadas de emoções, juízos de valor e afins quando aplicadas no enunciado (FIORIN, 2016).

Em suma, o dialogismo é o modo de funcionamento real da linguagem, sendo o princípio constitutivo do enunciado. Todo enunciado é uma réplica de outro e, portanto, identificam-se pelo menos duas vozes. Ou seja, o enunciado é sempre heterogêneo, pois revela duas posições, a sua e aquela a qual se constrói em oposição (FIORIN, 2016).

No entanto, é importante pontuar que o vocábulo “diálogo” no sentido de “solução de conflitos” ou “conciliação” pode levar a um entendimento errôneo do conceito de dialogismo. As relações dialógicas tanto podem ser de divergência ou de convergência, de conciliação ou de luta. Ao mesmo tempo, a adesão ao conteúdo de um enunciado ocorre no ponto de tensão dessa voz com outras vozes sociais. Numa sociedade dividida em grupos sociais com diferentes interesses, os enunciados são sempre o espaço de luta entre as vozes sociais (FIORIN, 2016).

Surge então a pergunta: as vozes nas relações dialógicas são sociais ou individuais? A teoria bakhtiniana leva em consideração os dois tipos, permitindo examinar, a partir das relações dialógicas, não somente grandes questões filosóficas

ou políticas, mas também fenômenos da fala cotidiana. Como já mencionado, todos os enunciados surgem a partir de outros, onde, numa formação social, atuam forças centrípetas e centrífugas. Quando alguém afirma uma determinada verdade sobre a realidade, está em ação a força centrípeta. As centrífugas, por sua vez, tratam-se da derrisão dessas mesmas “verdades oficiais” (FIORIN, 2016).

A partir dos conceitos de forças centrípetas e centrífugas, Bakhtin demonstra que a circulação das vozes numa formação social está submetida ao poder. Logo, não existe neutralidade no jogo das vozes, e sim uma dimensão política, considerando que tais vozes não circulam fora do exercício do poder: não se pode dizer o que quer, quando quer e como quer. Ou seja, além da atuação do campo tradicional da política (a esfera do Estado), estão em causa todas as relações de poder, inclusive as cotidianas. Em outras palavras, por exemplo, não se pode dirigir certas falas a uma autoridade ou a alguém que não se conhece; certos assuntos são tabu e outros só se admitem em intimidade (FIORIN, 2016).

3.2.2. Gêneros do discurso

De maneira objetiva, observa-se que os gêneros são tipos de textos com traços em comum. Durante a história da literatura, tais gêneros passaram por momentos em que eram rigidamente codificados e outros em que possuíam formas mais livres. Com tais aspectos em mente, nota-se que Bakhtin não teoriza sobre o gênero a partir de seu produto, mas sim do processo de sua produção, de como são constituídos. Para isso, o pensador parte do princípio de que há um vínculo intrínseco entre a utilização da linguagem e as atividades humanas (FIORIN, 2016).

Os seres humanos agem em determinadas esferas de atividades (escola, trabalho, política e etc), as quais implicam a utilização da linguagem na forma de enunciados. Estes não são usados fora de tais esferas, o que quer dizer que eles são determinados de acordo com as condições específicas e finalidades de cada esfera. Ao mesmo tempo, essas esferas de ação levam ao aparecimento de alguns tipos de enunciados, que se estabilizam precariamente e mudam de acordo com as alterações nas respectivas esferas de atividades. Isto é, cada esfera de utilização da língua cria tipos relativamente estáveis de enunciados (FIORIN, 2016).

Os gêneros são, então, nada mais do que tipos de enunciados relativamente estáveis com um conteúdo temático, uma construção composicional e um estilo. É através dos gêneros que falamos dentro de uma determinada esfera de atividade. Esse estabelece, assim, uma interconexão da linguagem com a vida social, onde a linguagem entra na vida por meio de enunciados concretos e vice-versa. Os gêneros estão sempre ligados a um domínio da atividade humana, refletindo suas condições específicas e suas finalidades (FIORIN, 2016).

Dessa maneira, o que importa para Bakhtin é a compreensão do processo de emergência e estabilização dos gêneros, isto é, a vinculação do gênero a uma esfera de atividade. Assim, para o autor, os gêneros são tipos relativamente estáveis de enunciados, podendo estes estar em constante mudança, em conformidade com as mudanças dos seres humanos e suas esferas de atividades. Os gêneros são meios de apreender a realidade, onde, com novas visões, surgem novos gêneros e alteração dos existentes, surgindo, portanto, novas formas de enxergar a realidade (FIORIN, 2016).

Vale salientar, ainda, que os gêneros não são tipos de enunciados apenas da língua escrita. Pelo contrário, eles abraçam a totalidade do uso da linguagem em todas as suas modalidades, sendo divididos por Bakhtin em primários e secundários. Os primários são os gêneros da vida cotidiana, sendo predominantemente (mas não exclusivamente) orais, pertencendo à comunicação verbal espontânea e tendo relação direta com o contexto mais imediato. São exemplos de gêneros primários a piada, telefonema, e-mail, entre outros. Os secundários, por sua vez, pertencem à esfera da comunicação cultural mais elaborada, como, por exemplo, a política, filosófica, científica e afins, sendo, majoritariamente, escritos. Observa-se, ainda, que os gêneros secundários absorvem dos primários e os transformam. Isso se dá devido a perda de sua relação com o contexto imediato e vinculação com os enunciados concretos dos outros. Logo, existe uma interdependência dos dois gêneros, os primários valem-se dos secundários, ao passo que os secundários podem ser influenciados pelos primários (FIORIN, 2016).

3.2.3. Signo

Por fim, faz-se importante trazer mais um elemento do pensamento bakhtiniano: o signo. Para Bakhtin e seu círculo, todo signo é ideológico, onde a

ideologia é um reflexo das estruturas sociais e toda modificação na ideologia acarreta na modificação da língua.

Qualquer produto ideológico é não apenas uma parte da realidade natural e social - seja ele um corpo físico, um instrumento de produção ou produto de consumo - mas também, ao contrário desses fenômenos, reflete e refrata outra realidade que se encontra fora dos seus limites. Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*. Pode-se dizer que um corpo físico equivale a si próprio: ele não significa nada e coincide inteiramente com a sua realidade única e natural. Nesse caso, não temos como falar de ideologia (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91).

Conforme explica Volóchinov (2017), todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode se tornar um signo e adquirir um sentido para além de suas particularidades. Um signo não existe apenas em uma realidade, mas também reflete uma outra. O signo pode distorcer a realidade, ser fiel a ela ou enxergá-la através de um ponto de vista específico. Logo, todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica, ou seja se é verdadeiro ou falso, bom ou mau e etc. Dessa forma, o domínio ideológico coincide com o dos signos, sendo mutuamente correspondentes.

Compreender um signo implica em aproximar o signo apreendido de outros já conhecidos, isto é, a compreensão é a resposta a um signo por meio de signos. O verdadeiro lugar do ideológico é o material social particular dos signos criados pelo homem. Tem-se, então, que os signos só podem surgir em um terreno interindividual, sendo fundamental que os dois indivíduos envolvidos estejam socialmente organizados, formando um grupo, uma unidade social (VOLÓCHINOV, 2017).

Observa-se, ainda, que a palavra é o fenômeno ideológico por excelência, tendo toda sua realidade absorvida por sua função de signo. A palavra é, portanto, o modo mais puro e sensível da relação social. Além de um signo puro, a palavra é, segundo Volóchinov (2017), um signo neutro. Isso ocorre porque os demais sistemas de signos são específicos de algum campo particular da criação ideológica,

enquanto a palavra pode preencher qualquer espécie de função ideológica, seja ela estética, científica, religiosa, política, entre outros.

Volóchinov (2017) vai adiante e afirma que a palavra acompanha e comenta todo ato ideológico, bem como todas as manifestações de criação ideológica (todos os signos não-verbais), utilizam-se do discurso e não podem ser totalmente isoladas ou separadas do mesmo. Isso não significa, no entanto, que a palavra possa suplantar qualquer outro signo ideológico, não sendo nenhum signo totalmente substituível por palavras. Porém, cada um deles, ao mesmo tempo, se apoia nas palavras e é acompanhado por elas.

Considerando os aspectos da teoria construtivista segundo a abordagem de Onuf e os conceitos de Bakhtin e seu círculo descritos acima, o próximo capítulo deste trabalho analisará alguns discursos de Putin e Zelensky a respeito dos principais eventos durante o primeiro ano da guerra russo-ucraniana, identificando o papel dos agentes, os atos de fala e os elementos bakhtinianos em sua prática política, bem como as consequências e vantagens alcançadas por eles a partir do apoio internacional angariados.

4. ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS DISCURSOS E COMPARAÇÃO DAS NARRATIVAS

No presente capítulo, será trazido o resultado da análise de conteúdo de discursos dos presidentes Vladimir Putin e Volodymyr Zelensky ao longo do primeiro ano da guerra russo-ucraniana, fazendo uma comparação entre os mesmos. Para isso, foi usado como uma ferramenta de análise o software *Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires* (IRAMUTEQ)⁵, o qual viabiliza análises estatísticas sobre corpos textuais. Além disso, os resultados obtidos serão discutidos sob o olhar dos conceitos e autores já tratados nos capítulos anteriores. A relação dos eventos onde os discursos analisados foram realizados pode ser verificada no Apêndice.

4.1. Metodologia e dados empíricos

Conforme mencionado, será realizada ao longo deste capítulo a análise de conteúdo do discurso, isto é, será utilizada uma metodologia qualitativa. Esta última visa compreender a lógica de processos e estruturas sociais, a partir de análises em profundidade de um ou poucos casos particulares (ALONSO, 2016). Em outras palavras, permite a interpretação de dados, fazendo com que o pesquisador possa entender as características e modelos por trás dos dados analisados. Segundo Martins (2004), tal metodologia exige do pesquisador uma capacidade integrativa e analítica, a quais, conseqüentemente, dependem de uma capacidade criadora e intuitiva.

As características da pesquisa qualitativa são: objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências. (GERHARDT, T; SILVERIA, D; 2009, p. 32)

Alonso (2016) explica, ainda, que um dos argumentos utilizados para a defesa da metodologia qualitativa é a dificuldade de isolar os fenômenos sociais

⁵ Para mais informações sobre o software, acessar: <http://www.iramuteq.org/> .

para análise, uma vez que o “objeto” de investigação das ciências sociais se trata de seres humanos, onde, diferente das ciências naturais, não são possíveis de analisar em laboratório, uma vez que estes são dotados de intencionalidade, bem como são sujeitos ativos, capazes de alterar sua própria conduta e produzir suas próprias interpretações do mundo social.

A análise de conteúdo como uma técnica, por sua vez, de maneira objetiva, é definida por Bardin (1977) como um conjunto de técnicas de análises das comunicações, sendo a busca do investigador o escondido, o não-aparente retido em qualquer mensagem. Dessa maneira, a autora define a análise documental como “uma operação ou um conjunto de operações visando representar o conteúdo de um documento sob a forma diferente da original, a fim de facilitar num estado ulterior, a sua consulta e referência” (BARDIN, 1977, p.45).

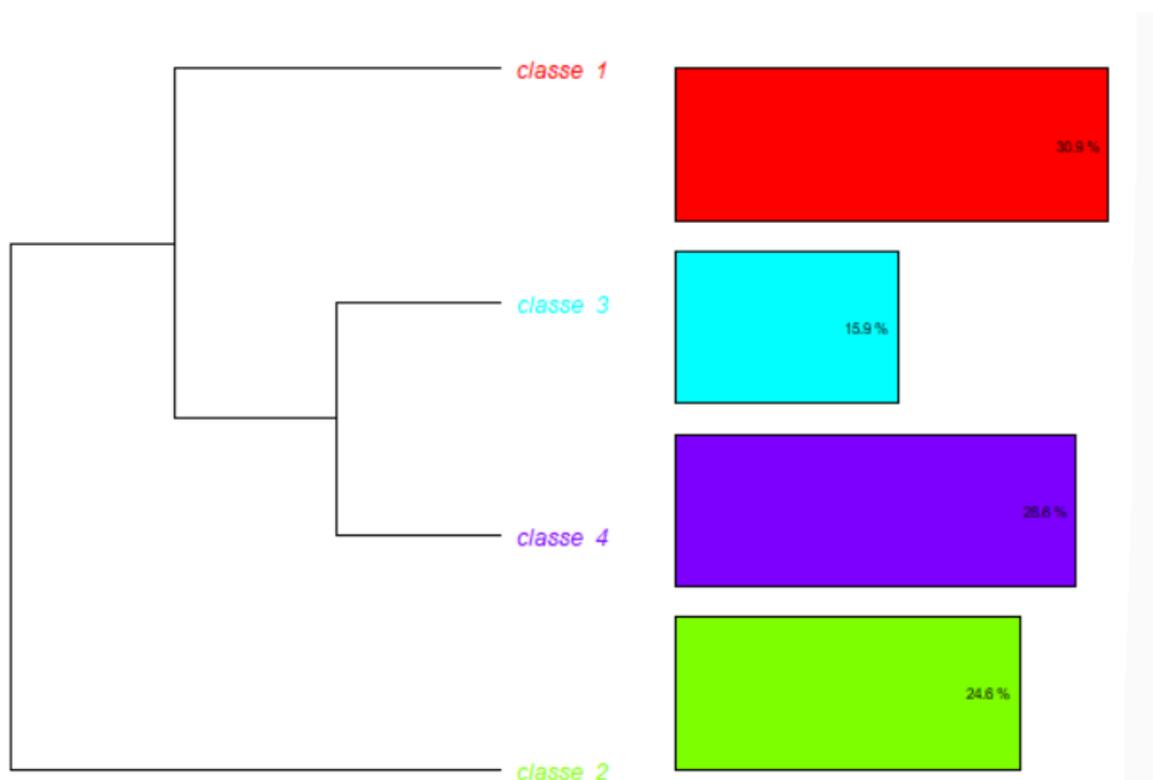
Observa-se, ainda, segundo o modelo de Bardin (1977), que a realização de uma análise de conteúdo, envolve três etapas: a pré-análise, onde é feita a organização do material, escolhendo os documentos e o objetivo; a exploração do material, com a classificação e codificação das fontes; e , por fim, o tratamento dos resultados, por meio da inferência (dedução lógica) e da interpretação dos dados, as quais serão seguidas durante a realização da pesquisa.

Por fim, após a coleta de dados, a análise de conteúdo foi executada no software Iramuteq, utilizando como técnicas o método da classificação hierárquica descendente (CHD) e a análise fatorial de correspondência (AFC). Segundo Camargo e Justo (OLIVEIRA, s.d.), o método da classificação hierárquica descendente (CHD) “visa obter classes de segmentos de texto que, ao mesmo tempo, apresentam vocabulário semelhante entre si, e vocabulário diferente dos segmentos das outras classes. A partir dessas análises, o software organiza a análise dos dados em um dendograma que ilustra as relações entre as classes”. A análise fatorial de correspondência (AFC), por sua vez, objetiva a construção de “algumas representações gráficas (...), elas representam o posicionamento das classes de vocábulos no corpus textual, a partir daí, podemos ver quais classes se complementam e concentram o corpus, e quais se distanciam do centro e mostram certa especificidade” (OLIVEIRA, s.d.).

4.2. Zelensky

O *corpus* textual⁶ do presidente Zelensky contém 10 textos. A análise empregada mostrou que os discursos foram divididos em quatro *clusters*, como evidenciado na Figura 4. A classe 2 é a principal, dela derivando as demais. Esta é seguida pela classe 1 e, finalmente, pelas 3 e 4.

Figura 4. Dendograma ^{7 8} dos discursos do presidente Volodymyr Zelensky



Fonte: Elaborado pela autora a partir do levantamento realizado através do Iramuteq, 2024

Na análise fatorial de correspondência (AFC) na Figura 5, percebe-se as palavras que formam cada um dos grupos textuais mencionados acima. Dessa forma, fica evidente na classe 2 a centralidade do tema sobre a ocupação do território ucraniano, aparecendo termos como “ocupar”, “Mariupol”, “civis”, “bomba” e “inimigo”, que irão dar estrutura às falas das outras questões. Percebe-se, ainda, o foco nas palavras “OTAN⁹”, “independência”, “democracia” e “liberdade” (classe 1),

⁶ É importante salientar que no presente trabalho foram utilizados os discursos dos presidentes Putin e Zelensky já traduzidos da sua língua original para a língua inglesa (salvo nos casos em que os discursos já foram proferidos em inglês) e assim disponibilizados pelos sites oficiais de seus respectivos países. A fim de evitar uma possível perda de sentido numa subsequente tradução para o português, o levantamento de dados através do software Iramuteq foi mantido em inglês.

⁷ Diagrama de árvore: permite que seja visualizado grupos de observações em classes e a partir dos seus níveis de similaridade.

⁸ Foram classificados 346 segmentos de textos de 450. O que representa uma extração de 76,89%.

⁹ Organização do Tratado do Atlântico Norte

Não sabemos quantos residentes de Mariupol foram mortos pela Rússia. Mas sabemos com certeza que isto foi parte da tática geral dos ocupantes. Fizeram ou tentaram fazer o mesmo com Chernihiv, Sumy, Okhtyrka, Kharkiv, Izium, Volnovakha e muitas outras cidades ucranianas. Talvez você ainda não tenha ouvido todos esses nomes. Mas estes são milhões de pessoas que a Rússia estava simplesmente tentando destruir. E continua a fazê-lo. (Zelensky, 2022, tradução nossa).

Em 22 de dezembro de 2022, Zelensky discursou ao congresso americano:

Esta batalha não é apenas pelo território – por esta ou outra parte da Europa. Esta batalha não é apenas pela vida, liberdade e segurança dos ucranianos ou de qualquer outra nação que a Rússia tente conquistar. Esta luta definirá – em que mundo viverão os nossos filhos e netos e depois – os seus filhos e netos. Definirá se será uma democracia – para os ucranianos e para os americanos – para todos (Zelensky, 2022, tradução nossa).

Em 29 de junho de 2022 em evento da OTAN, Volodymyr afirmou:

A política de portas abertas da OTAN não deve assemelhar-se às antigas catracas do metrô de Kiev: estão abertas e, quando nos aproximamos, as catracas fecham até pagarmos. A Ucrânia ainda não pagou o suficiente? Nossa contribuição para a defesa da Europa e de toda a civilização ainda é insuficiente? O que mais é necessário então? Posso dizer o que precisamos: precisamos de garantias de segurança e é preciso encontrar um lugar para a Ucrânia no espaço de segurança comum. Haverá ajuda urgente para a Ucrânia, que é suficiente para vencer, ou a guerra adiada da Rússia com você (Zelensky, 2022, tradução nossa).

Zelensky também discursou na 77ª sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas em 22 de setembro de 2022:

Portanto, as sanções contra o agressor fazem parte da fórmula de paz. Bloquear o comércio e as relações com o agressor faz parte da fórmula de paz. Tudo isso é uma punição. Enquanto o agressor participar na tomada de decisões nas organizações internacionais, deverá ser isolado delas – pelo menos até que a agressão dure. Rejeite o direito de voto. Privar direitos de delegação. Remover o direito de veto – se for membro do Conselho de Segurança da ONU. Para punir o agressor dentro das instituições (Zelensky, 2022, tradução nossa).

Com tais aspectos em vista, aliando os resultados obtidos através do Software Iramuteq à aplicação de tais termos na narrativa empregada nos discursos, é possível observar que Zelensky dá uma grande ênfase em levar ao cenário internacional às informações das medidas tomadas pelo governo russo e a invasão do território ucraniano, bem como a sua conseqüente destruição.

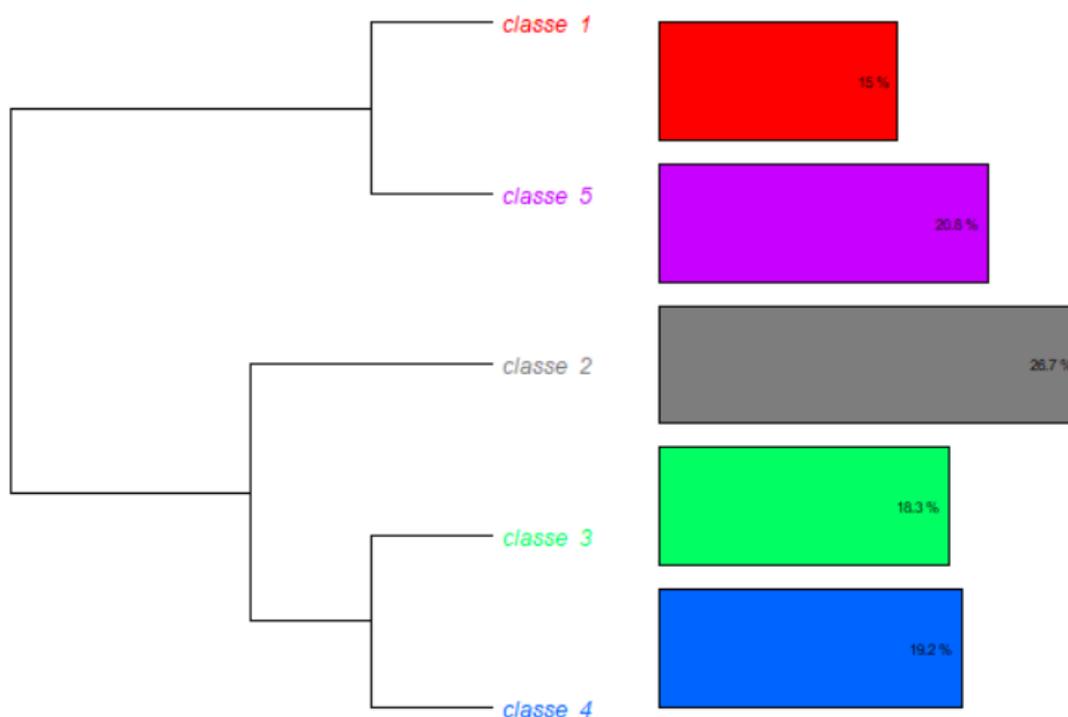
Nota-se, também, que o presidente ucraniano aborda a guerra a partir de uma perspectiva de defesa da democracia e liberdade, colocando a Ucrânia como um modelo para tais valores, além de fazer uma chamada à ação para com os países aliados, a fim de obter uma maior defesa da nação ucraniana e visando a punição e bloqueio ao governo russo.

Vale salientar, ainda, levando em consideração o conceito de signo segundo Bakhtin e seu círculo previamente discutido neste trabalho, a forma como Zelensky se apresenta ao proferir a maioria dos discursos aqui mencionados. Apesar do cargo que ocupa, o presidente aparece, majoritariamente, usando roupas simples e menos formais, como camisetas e moletoms, lhe atribuindo uma imagem menos rígida e mais acessível.

4.3. Putin

O *corpus* textual do presidente Vladimir Putin, por sua vez, também contém 10 textos. O seu dendograma, como é possível observar na Figura 6, demonstra que seus discursos foram divididos em cinco *clusters*, sendo a classe 2 a principal, de onde derivam as outras classes. Subseqüente à classe 2, encontram-se as classes 1, 5, 3 e 4.

Figura 6. Dendograma ¹⁰dos discursos do presidente Vladimir Putin



Fonte: Elaborado pela autora a partir do levantamento realizado através do Iramuteq, 2024

Na análise fatorial de correspondência (AFC) na Figura 7, tem-se os vocábulos que estruturam cada um dos grupos textuais. Chamam a atenção no grupo 2 (cinza), os termos “mercado”, “inflação”, “preço”, “comida” e “exportação”, dos quais derivam as demais temáticas. No grupo 1 (vermelho) verifica-se, então, o enfoque em palavras como “ocidente”, “soviético”, “regra”, “dividir” e “mundo”, enquanto no grupo 5 (roxo) aparecem “militar”, “operação”, “Donbass”, “Lugansk”, “Donetsk”, “luta” e “nazistas”. Vê-se, ainda, elementos como “defesa”, “educação”, “tecnologia” e “indústria” no grupo 3 (verde), além de “programa”, “governo”, “financiar”, “infraestrutura” e “alocar” no grupo 4 (azul).

¹⁰ Foram classificados 1305 segmentos de textos de 1689. O que representa uma extração de 77,26%.

estes fins em 2023-2024. Alocaremos recursos adicionais para a reforma de áreas urbanas no Extremo Oriente do Distrito Federal. Quero que o Governo atribua fundos específicos para este fim, como parte dos programas de empréstimos orçamentais para infra-estruturas e de modernização de habitação e serviços públicos, bem como de outros programas de desenvolvimento. [...] No entanto, ajustamos os benefícios sociais e as pensões à inflação, e aumentamos os salários mínimos e de subsistência, protegendo assim os grupos mais vulneráveis da população. Ao mesmo tempo, as elevadas taxas de juros ajudaram as pessoas a manter as suas poupanças no sistema bancário russo. [...] Ultimamente, tenho ouvido cada vez mais falar dos chamados – por favor, desculpem-me, não gostaria realmente de fazer isto aqui, nem sequer de mencionar o meu próprio nome a este respeito, mas não posso evitar – todos ouvimos falar da chamada “inflação de Putin” no Ocidente. Quando vejo isto, pergunto-me quem eles esperam que compre este absurdo – pessoas que não sabem ler nem escrever, talvez. Qualquer pessoa alfabetizada o suficiente para ler entenderia o que realmente está acontecendo. Rússia, nossas ações para libertar Donbass não têm absolutamente nada a ver com isso. O aumento dos preços, a aceleração da inflação, a escassez de alimentos e combustível, de gasolina e os problemas no setor energético são o resultado de erros sistêmicos que a atual administração dos EUA e a burocracia europeia cometeram nas suas políticas económicas. É aí que estão as razões, e somente aí (Putin, 2022, tradução nossa).

No discurso proferido em 21 de setembro de 2022 à população russa;

O objectivo desta parte do Ocidente é enfraquecer, dividir e, em última análise, destruir o nosso país. Dizem agora abertamente que em 1991 conseguiram dividir a União Soviética e que agora é o momento de fazer o mesmo com a Rússia, que deve ser dividida em numerosas regiões que estariam em conflito mortal entre si. [...] A República Popular de Lugansk foi liberta quase completamente dos neonazis. Os combates na República Popular de Donetsk continuam. Ao longo dos oito anos anteriores, o regime de ocupação de Kiev criou uma linha profundamente escalonada de defesas permanentes. Um ataque frontal contra eles teria levado a pesadas perdas, razão pela qual as nossas unidades, bem como as forças das repúblicas do Donbass, estão a agir de forma competente e sistemática, utilizando equipamento militar e salvando vidas, avançando passo a passo para libertar Donbass, expurgar cidades e vilas dos neonazistas e ajudar as pessoas que o regime de Kiev transformou em reféns e escudos humanos (Putin, 2022, tradução nossa).

No discurso proferido em 21 de fevereiro de 2023 na Assembleia Federal;

Iremos introduzir amplamente a tecnologia mais recente para garantir padrões de alta qualidade no Exército e na Marinha. Temos projetos piloto correspondentes e amostras de armas e equipamentos em cada área. Muitos deles são significativamente superiores aos seus homólogos estrangeiros. Nosso objetivo é iniciar a produção em massa. Este trabalho está em andamento e ganhando ritmo. É importante ressaltar que isto depende da pesquisa nacional e da base industrial e envolve pequenas e médias empresas de alta tecnologia na implementação da ordem de defesa do Estado (Putin, 2023, tradução nossa).

Analisando os discursos de Vladimir Putin e associando-os aos resultados obtidos através da análise com o Iramuteq, observa-se que o presidente busca ativamente abordar e tratar de questões econômicas, especialmente daquelas que afetam diretamente o dia a dia da população russa como a alimentação, por exemplo, além salientar as medidas tomadas pelo governo para evitar e reduzir obstáculos como a inflação. Tais fatores demonstram uma preocupação com a opinião e aprovação da população russa em meio a guerra, evidenciando uma pauta voltada mais ao público interno, ao contrário de Zelensky, que exibe um foco maior no público externo, internacional.

Outro ponto que se destaca na fala de Putin é a culpabilização do ocidente - especificamente Estados Unidos e União Europeia - quanto a questões como juros, inflação, problemas energéticos e pela queda da União Soviética. Esta última é frequentemente trazida à tona, numa espécie de lembrança aos tempos gloriosos da nação russa. O presidente fala, ainda, da Ucrânia, trazendo termos como “nazistas” ou “neonazistas”, afirmando que a população étnica russa na região de Donbass, em especial em Donetsk e Lugansk, deve ser protegida, visando validar a invasão ao território ucraniano.

Nota-se, também, menções a investimentos do governo russo nas áreas de infraestrutura, educação e tecnologia, dos quais uma parte significativa será direcionada e alocada para a indústria de defesa. Por fim, observa-se ainda que, ao contrário de Zelensky, Putin aparece majoritariamente vestido em vestes formais como terno e gravata, trazendo uma imagem mais fechada, rígida e tradicional.

4.4. Conversão e mensuração do desempenho das narrativas

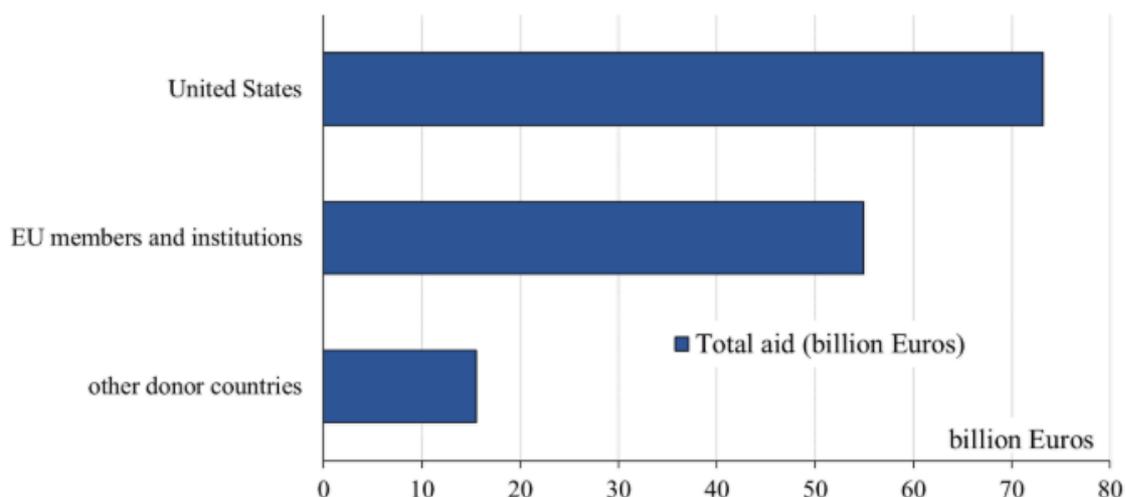
Após abordar e comparar os discursos e narrativas de ambos os presidentes Putin e Zelensky, surge um questionamento: como quantificar e perceber quem obteve um melhor desempenho no convencimento e angariação do apoio internacional no primeiro ano do conflito? A fim de melhor tentar responder tal pergunta, serão analisadas as contribuições realizadas aos dois países, em especial as de caráter militar.

4.4.1. Ucrânia

De acordo com dados do Kiel Institute for the World Economy (IFW Kiel) (2023), aproximadamente 144 bilhões de euros, distribuídos em ajuda humanitária, financeira e militar, foram direcionados à Ucrânia entre 24 de janeiro de 2022 e 15 de janeiro de 2023. Conforme mostra a Figura 8, os Estados Unidos são, de longe, o maior doador, chegando a um valor de mais de 73 bilhões de euros. Logo atrás verifica-se a União Europeia, com o valor de quase 55 bilhões de euros. Já no que tange a outros países, tem-se uma contribuição que gira em torno de 16 bilhões de euros, em sua maior parte vindo do Reino Unido (€8,31 bilhões) e Canadá (€4,02 bilhões).

Figura 8. Ajuda à Ucrânia por grupos de doadores (bilhões de euros)

Total de compromissos bilaterais de 24 de janeiro de 2022 a 15 de janeiro de 2023



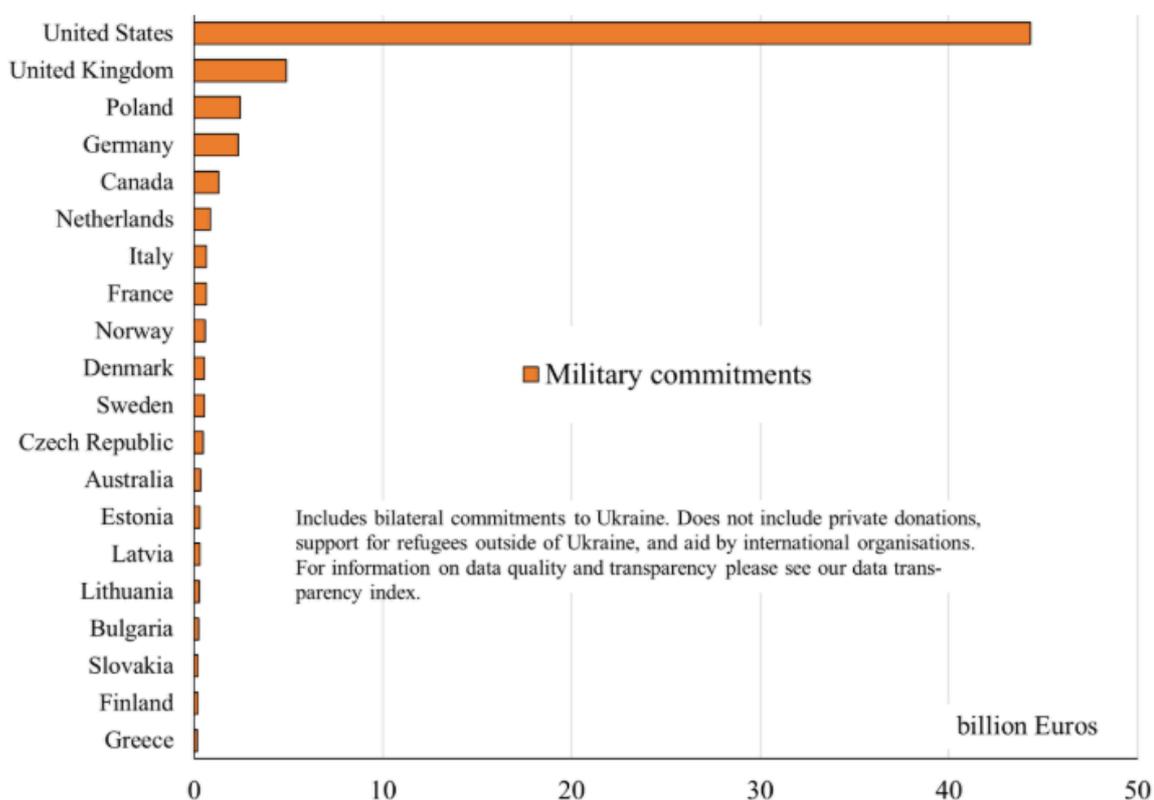
Fonte: Kiel Institute for the World Economy, 2023. P. 25

No tocante à contribuição militar e de armas pesadas, verifica-se que os maiores doadores são os Estados Unidos (com mais de €44 bilhões), Reino Unido

(€4,89 bilhões), Polônia (€2,43 bilhões) e Alemanha (€2,36 bilhões) (IFW KIEL, 2023).

Figura 9. Compromissos bilaterais militares – 20 principais doadores (bilhões de euros)

Compromissos bilaterais de 24 de janeiro de 2022 a 15 de janeiro de 2023

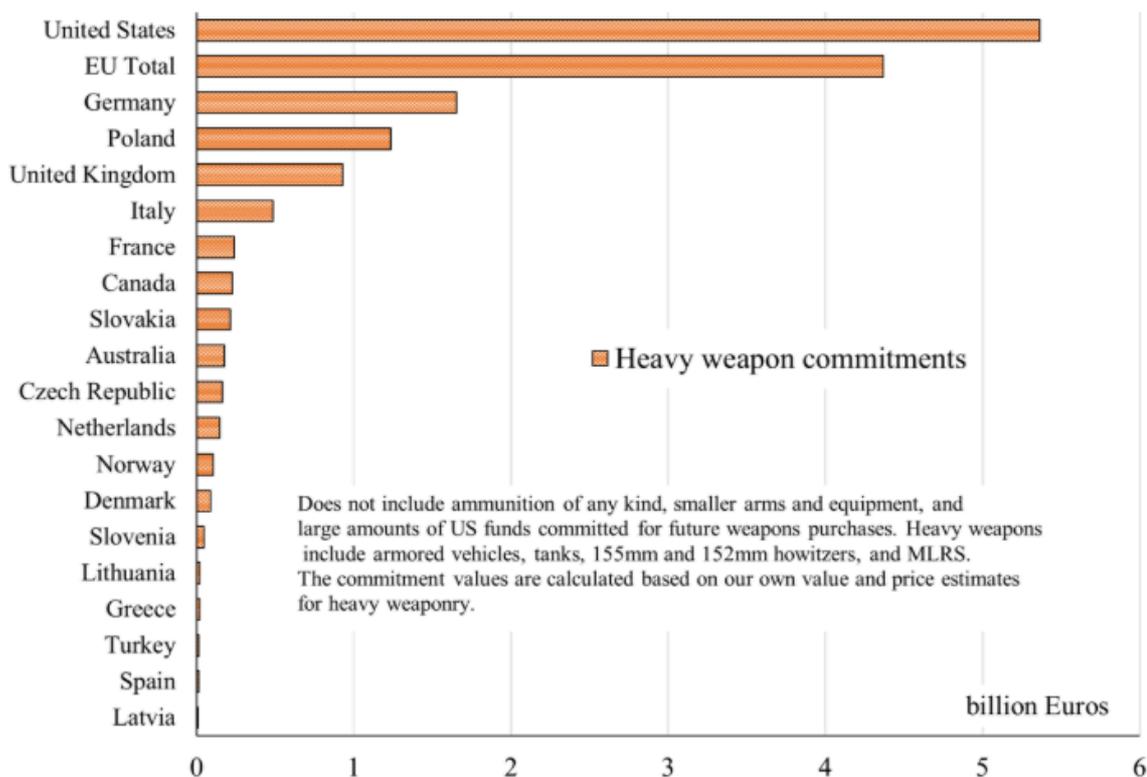


Fonte: Kiel Institute for the World Economy, 2023. P. 36

De maneira mais aprofundada na ajuda militar, tratando de armamento pesado, tem-se uma forte ênfase pelo presidente ucraniano na necessidade do país por tal categoria, em especial de tanques, artilharia e mísseis. Logo, segundo o IFW Kiel (2023), até 15 de janeiro de 2023 foram contabilizados pelo instituto 368 tanques recebidos pela Ucrânia (com mais 104 a serem recebidos), 293 obuses (com mais 122 a serem recebidos) e 49 sistemas de lançamento de foguetes múltiplos (MLRS) (com mais 27 a serem entregues). Ainda conforme dados do IFW Kiel (2023), avaliando o valor das contribuições de armamento pesado, encontra-se um valor de aproximadamente €11,2 bilhões em sua totalidade, dos quais €5,37 bilhões são norte-americanos (quase 48%) e €4,37 bilhões advém de países da União Europeia.

Figura 10. Compromissos de armas pesadas – 20 principais doadores (bilhões de euros)

Compromissos bilaterais de 24 de janeiro de 2022 a 15 de janeiro de 2023, estimativas de valor próprio da IFW Kiel



Fonte: Kiel Institute for the World Economy, 2023. P. 37

4.4.2. Rússia

No tocante às contribuições efetuadas ao governo russo, é importante mencionar uma maior dificuldade de acesso à informação e valores de ajuda financeira e armamento. Contudo, é possível mensurar o apoio externo/desempenho bélico e militar russos através de outros dados semelhantes. Observa-se, então, segundo dados da Stockholm International Peace Research Institute (SIPRI) (2024a), que a Rússia recebeu armas pesadas do Irã, representando 75% da exportação total iraniana dessa categoria entre os anos de 2019 e 2023.

Averigua-se também que as exportações de armas da Rússia caíram 53% entre 2014-2018 e 2019-2023, caindo da posição de segundo maior exportador de armas do mundo para o terceiro, atrás dos Estados Unidos e França - em contrapartida, a Ucrânia foi o maior importador de armas em 2023. Em 2019, o volume anual de exportação de armas russas estava em um nível similar aos 20

anos anteriores, contudo, tal volume caiu drasticamente em 2020, 2021 e 2022, e, em 2023 caiu para 52% a menos que em 2022. Outro elemento que mostra o declínio da Rússia como um fornecedor de armas global é que, enquanto em 2019 31 Estados recebiam grandes armas da Rússia, apenas 14 receberam em 2022 e 12 em 2023 (SIPRI, 2024a).

Ainda segundo o SIPRI (2024a), a Rússia depende primariamente de sua própria indústria para a obtenção de grandes armas. Porém, entre os anos de 2022 e 2023, importou bombas aéreas do Irã e mísseis balísticos da Coreia do Norte, esta última numa violação ao embargo de armas das Nações Unidas na Coreia do Norte. Outro ponto é que um valor estimado de U\$109 bilhões em despesas militares pela Rússia em 2023 foi 24% maior que em 2022 e 57% a mais que em 2014, quando ocorreu a anexação da Crimeia. O SIPRI (2024b) destaca, também, que os números de despesas militares russos em 2023 são incertos devido à crescente opacidade das autoridades financeiras russas desde a invasão na Ucrânia em 2022.

O SIPRI (2024b) reforça, ainda, que para além do orçamento do Estado, o financiamento para apoiar a invasão à Ucrânia veio de fontes de receitas fora do orçamento oficial russo, como empresas, indivíduos e organizações. Apesar de tais contribuições serem provavelmente menores e modestas comparadas ao orçamento oficial, a falta de informação sobre eles significa que os números das despesas militares do SIPRI para a Rússia são subestimados. O aumento das despesas militares russas em 2023 foi amplamente facilitado pelo desempenho econômico da Rússia, que superou as expectativas apesar de uma queda significativa nas receitas de petróleo e gás do país. A Rússia confiou no seu fundo soberano e empréstimos estatais para financiar o seu crescente déficit orçamental, o que lhe permitiu limitar o impacto da sua invasão em grande escala da Ucrânia sobre sua economia. Tais fatores indicam que a Rússia está sentindo os impactos com a guerra da Ucrânia e, dessa forma, tomando medidas para tentar suplantar a mesma.

Cabe mencionar brevemente que, apesar das negativas da China de que esta estaria fornecendo armas à Rússia, os Estados Unidos, na figura do secretário de Estado Antony Blinken¹¹, afirma que a contribuição chinesa estaria sendo, ao invés

¹¹ MA, Y.; NG, K. How is China supporting Russia after it was sanctioned for Ukraine war? BBC, 17 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/60571253>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

de armas, com os componentes para a fabricação das mesmas. Segundo Blinken, estes estão “sendo usados para ajudar a Rússia no que é um esforço extraordinário para fabricar mais munições, tanques, veículos blindados e mísseis”, ao que este adicionou que cerca de 70% das ferramentas e 90% dos microeletrônicos importados pela Rússia vêm da China.

De acordo com uma análise de dados alfandegários chineses pelo Carnegie Endowment for International Peace¹², a China exporta mais de 300 milhões de dólares em produtos de dupla utilização identificados pelos Estados Unidos, pela União Europeia, pelo Japão e pelo Reino Unido como artigos de “alta prioridade” necessários para a produção de armas da Rússia. Embora as transações mensais entre os dois países tenham diminuído de um pico de mais de 600 milhões de dólares em dezembro de 2023, a China continua a ser o maior fornecedor destes produtos controlados à Rússia.

Levando em consideração a escassez de informações referentes ao apoio ao governo russo, aliada às grandes somas de contribuição realizadas ao governo ucraniano constatadas no presente trabalho, verifica-se, desta maneira, que o presidente Zelensky direta e indiretamente obteve maior apoio internacional durante o primeiro ano da guerra e, conseqüentemente, obteve maior sucesso na aplicação de sua narrativa do conflito.

¹²Sher, N. Behind the Scenes: China’s Increasing Role in Russia’s Defense Industry. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/russia-eurasia/politika/2024/05/behind-the-scenes-chinas-increasing-role-in-russias-defense-industry?lang=en¢er=russia-eurasia>. Acesso em: 01 de junho de 2024.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Iniciada em fevereiro de 2022, a guerra russo-ucraniana possui fortes antecedentes históricos, políticos e culturais que ajudam a entender o que levou ao seu acontecimento. Passando desde o seu ascendente em comum, isto é, Rus de Kiev, um conjunto próspero de cidades-estado que se expandia do Báltico ao Mar Negro e que compreendia os atuais território da Ucrânia e a região ocidental da Rússia, cujo legado é reivindicado pelos dois países até hoje; até a União Soviética, Revoluções Laranja e Ucrânica e a anexação da Crimeia, é possível perceber as fortes tensões na relação entre as duas nações.

Sendo o estopim da guerra elementos como a aproximação da Ucrânia com a OTAN que levou, conseqüentemente, ao receio russo de perda da sua zona de influência e a interpretação de tal movimentação como uma ameaça a sua integridade territorial, o grande público internacional vem acompanhando o conflito desde o seu princípio. Com fortes imagens divulgadas por diferentes veículos de mídia, juntamente com os pronunciamentos estratégicos de ambos os líderes Putin e Zelensky, comparar os discursos de ambos a fim de entender como estes foram usados como ferramenta no primeiro ano da guerra a fim de alcançar apoio, bem como perceber qual dos líderes obteve mais sucesso na sua narrativa faz-se essencial.

Aliando os conceitos de regras e atos de fala de Nicholas Onuf, isto é, as regras são o que ligam as pessoas à sociedade, mostrando às primeiras o que devem fazer, bem como os atos de fala são o ato de falar de uma maneira que faça alguém agir, os quais se dividem em três categorias: assertivos, diretivos e de compromisso; às noções de dialogismo (modo de funcionamento real da linguagem, sendo o princípio constitutivo do enunciado que permite o diálogo com outro enunciado), gêneros do discurso (tipos de textos com traços em comum) e signo (elemento sempre ideológico) segundo Bakhtin e seu círculo, tem-se o referencial teórico utilizado como base para a análise do trabalho.

A partir dos elementos teóricos mencionados e através da análise realizada no software Iramuteq, foi observado, então, que Zelensky ressalta frequentemente as medidas tomadas pelo governo russo e a invasão à Ucrânia, bem como a destruição que se seguiu. O presidente aborda, ainda, o conflito a partir de um viés

de defesa dos ideais democráticos, sendo a Ucrânia um modelo para tais valores e buscando apoio internacional visando obter defesa e bloqueio ao governo russo.

Putin, por sua vez, demonstra uma preocupação com a opinião da população russa em meio ao primeiro ano da guerra, tratando, entre outros, de temas econômicos, a exemplo da inflação. Verificou-se também uma pauta de culpabilização do ocidente, seja pelos juros, problemas energéticos ou até mesmo a queda da União Soviética, a qual aparece com frequência em suas falas, fazendo uma retomada aos tempos de glória russos.

Por fim, constatou-se, mensurando o apoio internacional a cada respectivo país através de contribuições de caráter militar realizados a eles, que a Ucrânia obteve valores muito superiores à Rússia, onde para esta última, apesar da escassez de informações, foi possível avaliar sua atuação a partir das medidas realizadas para conter a inflação e investimentos na sua indústria de defesa, bem como as relações de troca com a China e a transferências de armas do Irã e Coreia do Norte, fatores os quais mostram que a Rússia vem sentindo os efeitos da guerra com a Ucrânia. Dessa forma, constatou-se que o presidente Zelensky obteve uma melhor performance que Putin na aplicação de sua narrativa e uso do discurso em meio ao conflito, obtendo maior apoio internacional no primeiro ano e podendo, assim, contribuir para futuros trabalhos acadêmicos na área.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

“3 fatores que explicam por que Ucrânia é tão importante para Rússia” BBC Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60201700>

Acesso em: 23/09/2023.

ADLER, Emanuel. O construtivismo no estudo das relações internacionais. Lua Nova: revista de cultura e política, p. 201-246, 1999.

ALONSO. A. Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução, in Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: bloco qualitativo. p. 8-23. São Paulo. 2016)

BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1977.

BUSHKOVITCH, P. História concisa da Rússia. São Paulo: EDIPRO, 2014.

CLEMENTE, Maria Eduarda Correia. A influência da história russa no conflito russo-ucraniano. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado - Relações Internacionais) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), São Paulo, 2023.

“Como nasceu a Ucrânia - e quais seus vínculos históricos com a Rússia”, BBC Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-60549234>

Acesso em: 25/09/2023.

DOURADO, Maria Eduarda Buonafina Franco. Entre Guerra Híbrida e Gibrinaya Voyna: uma análise comparada da atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015). Dissertação (Pós-graduação - Relações Internacionais) - Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), João Pessoa, 2020.

“Especialistas: 7 consequências da guerra na Ucrânia que ainda terão repercussão” CNN Brasil, 2023. Disponível em:

<https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/especialistas-7-consequencias-da-guerra-na-ucrania-que-ainda-terao-repercussao/> Acesso em: 23/09/2023

FIORIN, José Luiz. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Contexto, 2016.

GERHARDT, Tatiana Engel & SILVEIRA, Denise Tolfo. Métodos de pesquisa. 1ª ed. Editora da UFRGS, 2009.

KORT, Michael. A brief history of Russia. Nova Iorque, NY, USA: Facts On, 2008.

KIEL INSTITUTE FOR THE WORLD ECONOMY. The Ukraine Support Tracker: Which countries help Ukraine and how? Fevereiro, 2023. Disponível em: https://www.ifw-kiel.de/fileadmin/Dateiverwaltung/IfW-Publications/fis-import/87bb7b0f-ed26-4240-8979-5e6601aea9e8-KWP_2218_Trebesch_et_al_Ukraine_Support_Tracker.pdf. Acesso em 01 de junho de 2024.

LOUREIRO, Felipe Pereira. A Guerra na Ucrânia: significados e perspectivas. CEBRI-Revista, n. 1, 2022. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/27/a-guerra-na-ucrania-significados-e-perspectivas> Acesso em 21/05/2023

MA, Y.; NG, K. How is China supporting Russia after it was sanctioned for Ukraine war? BBC, 17 de maio de 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/news/60571253> . Acesso em: 01 de junho de 2024.

MARTINS, Heloisa Helena T. Metodologia qualitativa de pesquisa. Educação e pesquisa, v. 30, n. 02, p. 289-300, 2004.

MENEGELLO, Bruna Moratto; CORDOVA, Giovanna Relva. O papel da mídia tradicional no conflito entre Rússia e Ucrânia de 2022: uma análise das diferentes narrativas em disputa. 2022. 41 f. Artigo (Graduação Relações Internacionais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP), São Paulo, 2022.

NOGUEIRA, João Pontes & MESSARI, Nizar. Teoria das Relações Internacionais: correntes e debates. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.

OLIVEIRA, Luis Felipe. Tutorial (básico) de utilização do Iramuteq. Laboratório de Políticas Públicas Participativas, UFG, Brasil, s.d.

ONUF, Nicholas. World of Our Making: Rules and Rule in Social Theory and International Relations. Columbia: University of South Carolina Press, 1989.

_____. Constructivism: a User's Manual. In: KUBÁLKOVÁ, V.; ONUF, N.; KOWERT, P. (Eds.). International Relations in a Constructed World. London /Armonk, NY: Me Shape, 1998. p. 58-78.

“ORIGINS & HISTORY OF UKRAINE”, Ukraine Now, 2022. Disponível em: <https://ukraine.ua/explore/origins-history-of-ukraine/> Acesso em: 24/09/2023

PLOKHY, Serhii. The Gates of Europe: A History of Ukraine. Nova Iorque, NY, USA: Basic Books, 2017.

PONZIO, A. Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

“Por que a invasão da Crimeia em 2014 é relevante agora”, BBC Brasil, 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60570951> Acesso em: 23/09/2023.

“Russia and Ukraine: the tangled history that connects—and divides—they”, National Geographic, 2023. Disponível em: <https://www.nationalgeographic.com/history/article/russia-and-ukraine-the-tangled-history-that-connects-and-divides-them> Acesso em: 23/09/2023

“Russia’s War in Ukraine: Identity, History, and Conflict”, Center for Strategic and International Studies, 2022. Disponível em: <https://www.csis.org/analysis/russias-war-ukraine-identity-history-and-conflict> Acesso em: 23/09/2023

Sher, N. Behind the Scenes: China’s Increasing Role in Russia’s Defense Industry. Disponível em: <https://carnegie-mec.org/russia-eurasia/politika/2024/05/behind-the-scenes-chinas-increasing-role-in-russias-defense-industry?lang=en¢er=russia-eurasia> .Acesso

em: 01 de junho de 2024.

SOAVINSKI, Carla. Rússia e Ucrânia: identidade nacional enquanto causa de conflito. 2015. Disponível em: https://www.google.com/url?q=https://bdm.unb.br/bitstream/10483/12724/1/2015_CarlaSoavinski.pdf&sa=D&source=docs&ust=1695819801313804&usg=AOvVaw3SRSu eAzfQdFW0mDxHLBzs Acesso em: 23/09/2023

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. Trends in International Arms Transfers, 2023. Março, 2024. Disponível em: https://www.sipri.org/sites/default/files/2024-03/fs_2403_at_2023.pdf . Acesso em 01 de junho de 2024.

STOCKHOLM INTERNATIONAL PEACE RESEARCH INSTITUTE. Trends in International World Military Expenditure, 2023. Abril, 2024. Disponível em: https://sipri.org/sites/default/files/2024-04/2404 fs_milex_2023.pdf . Acesso em 01 de junho de 2024.

VILLASMIL-ESPINOZA, Jorge J.; LEHEZA, Yevhen; HOLOVII, Liudmyla. Reflections for the interdisciplinary study of the Russian Federation's invasion of Ukraine in 2022. 2023. Disponível em: <https://produccioncientificaluz.org/index.php/cuestiones/article/view/38383/42552> Acesso em 09/09/2023

VOLÓCHINOV, Valentin (Círculo de Bakhtin). Marxismo e filosofia da linguagem. Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução, notas e glossário de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. Ensaio introdutório de Sheila Grillo. São Paulo: Editora 34, 2017.

YEKELCHYK, Serhy. The Conflict in Ukraine: What Everyone Needs to Know. Nova Iorque, NY, USA: Oxford University Press, 2015.

APÊNDICE

Quadro 1 - Lista de todos os discursos presidenciais utilizados

Presidente	Data	Evento
Volodymyr Zelensky	24/02/2022	Discurso do Presidente da Ucrânia após a Invasão da Rússia
	05/04/2022	Discurso do Presidente da Ucrânia em reunião do Conselho de Segurança da ONU
	06/04/2022	Discurso do Presidente da Ucrânia em Oireachtas, Parlamento da Irlanda
	17/05/2022	Discurso à comunidade cinematográfica na abertura do 75º Festival Internacional de Cinema de Cannes
	29/06/2022	Discurso do Presidente da Ucrânia na Cimeira da OTAN
	13/07/2022	Discurso aos participantes da conferência "Liderança Asiática" em Seul
	22/09/2022	Discurso no Debate Geral da 77ª sessão da Assembleia Geral da ONU
	13/10/2022	Discurso na sessão plenária de outono da Assembleia Parlamentar do Conselho da Europa
	22/12/2022	Discurso em uma reunião conjunta do Congresso dos EUA
	24/02/2023	Discurso do Presidente da Ucrânia Volodymyr

		Zelensky: "Fevereiro. O ano da invencibilidade"
Vladimir Putin	24/02/2022	Discurso do Presidente da Federação Russa no Kremlin, Moscou
	26/04/2022	Reunião com o secretário-geral da ONU, António Guterres
	09/05/2022	Desfile da Vitória na Praça Vermelha em Moscou
	17/06/2022	25ª Sessão Plenária do Fórum Econômico Internacional de São Petersburgo
	07/09/2022	Sessão plenária do Fórum Econômico Oriental
	21/09/2022	Discurso do Presidente da Federação Russa no Kremlin, Moscou
	30/09/2022	Cerimônia de assinatura dos tratados de adesão das repúblicas populares de Donetsk e Lugansk e das regiões de Zaporozhye e Kherson à Rússia
	15/12/2022	Reunião do Conselho de Desenvolvimento Estratégico e Projetos Nacionais
	21/12/2022	Reunião do Conselho do Ministério da Defesa
	21/02/2023	Discurso Presidencial à Assembleia Federal

Fonte: Elaborado pela autora, 2024